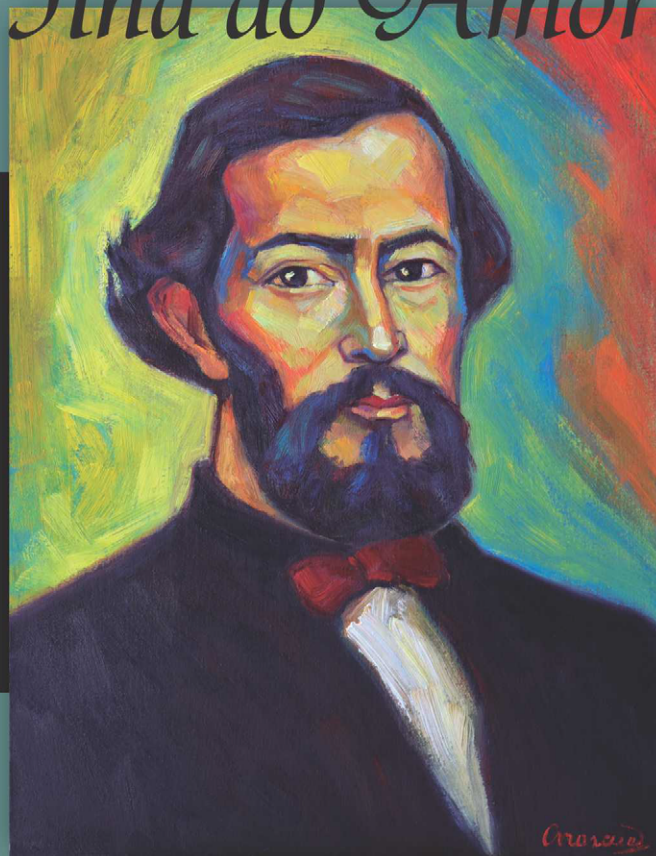


Alberico Carneiro

Mil Poemas para Gonçalves Dias

Ilha do Amor



Gonçalves Dias & Ana Amélia
sátira



Ilha
do
amor

gonçalves dias & ana amélias

(sátira)



Universidade Federal do Maranhão

Reitor Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva
Vice Reitor Prof. Dr. Leonardo Silva Soares



SIBi
SISTEMA INTEGRADO
DE BIBLIOTECAS

Sistema Integrado de Bibliotecas

Diretor Prof. Dr. César Augusto Castro



EDUFMA

Editora da UFMA

Coordenadora Irenilma Cadête Lima

Conselho Editorial Profa. Dra. Andréa Katiane Ferreira Costa
Profa. Dra. Débora Batista Pinheiro Sousa
Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa
Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva
Profa. Dra. Jussara Danielle Martins Aires
Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa
Prof. Dr. Luís Henrique Serra
Prof. Dr. Luiz Eduardo Neves dos Santos
Profa. Dra. Luma Castro de Souza
Prof. Dr. Márcio José Celeri
Profa. Dra. Maria Áurea Lira Feitosa
Profa. Dra. Raimunda Ramos Marinho
Profa. Dra. Rosângela Fernandes Lucena Batista
Bibliotecária Márcia Cristina da Cruz Pereira



Associação Brasileira das Editoras Universitárias



Esta obra está licenciada sob uma Licença
Creative Commons Atribuição–Não Comercial–Compartilha
Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).



MIL POEMAS PARA GONÇALVES DIAS

alberico carneiro

Ilha
do
amor

gonçalves dias & ana amélias

(sátira)

São Luís



EDUFMA

2026

© 2026 EDUFMA - Todos os direitos reservados

A presente obra está sendo publicada sob a forma de coletânea de textos fornecidos voluntariamente por seus autores, com as devidas revisões de forma e conteúdo. Estas colaborações são de exclusiva responsabilidade dos autores sem compensação financeira, mas mantendo seus direitos autorais, segundo a legislação em vigor.

Revisão	Alberico Carneiro e Lino Raposo Moreira
Projeto Gráfico e Editoração eletrônica	Roberto Sousa Carvalho
Arte da Capa	Ever Arrascue

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Carneiro, Alberico.

Ilha do amor [recurso eletrônico]: Gonçalves Dias e Ana Amélias (sátira) / Alberico Carneiro. — São Luís: EDUFMA, 2026.

175 p. : il. — (Mil Poemas para Gonçalves Dias)

Modo de acesso: <www.edufma.ufma.br>

ISBN 978-65-5363-577-7

1. Literatura maranhense - Poesia. I. Poesias – Gonçalves Dias Título.

CDD 869.812 11

CDU 821.134.3(812.1)-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA MARCIA CRISTINA DA CRUZ PEREIRA
CRB 13 / 418

EDITADO NO BRASIL [2026]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

| EDUFMA | EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Av. dos Portugueses, 1966 | Vila Bacanga

CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil

Telefone: (98) 3272-8157

www.edufma.ufma.br | edufma@ufma.br

Sumário

não prefácio	8
<hr/>	
I / ilha do amor	10
II / rosa silvestre bela adormecida	26
III / exílio no mediterrâneo	41
IV / a santa ceia dos répteis	58
V / a solidão de penélopes & ana amélias brasileiras	81
VI – canção do exílio do louco do centro histórico de são luís	135
<hr/>	
breve perfil de gonçaves dias por antônio henriques leal	157
diário de bordo	160
posfácio	169

nota explicativa

No Projeto Mil Poemas Para Gonçalves Dias, esta obra de minha autoria, Ilha do amor - gonçalves dias & ana amélia, corresponde, na Antologia, ao poema de número 1.000.

A inclusão desta obra no referido Projeto que, apesar de longa, é dividida em seis partes, é um poema único ou compacto, deveu-se a um encontro casual que tive com a professora Dilercy Adler, próximo à Praça João Lisboa, quando ela me convidou para participar da homenagem a Gonçalves Dias. Disse-lhe que não tinha poemas curtos sobre o autor da Canção do Exílio, porém tinha um longo, escrito há algum tempo, e que não seria o caso para a Antologia. Ela considerou que sim e me pediu o trabalho. Ainda hoje não sei por que aceitei, mas aceitei, apesar de relutar e até retardar passar para ela um poema que me encheu o saco a vida inteira, ao ponto de eu, não podendo me livrar dele como estava, já me chafurdando há três décadas, resolvi expulsá-lo e expurgá-lo de minha vida, antes que ele, sempre infernalmente inacabado, me matasse. Esperei que ela, após inúmeros e-mails e telefonemas não retornados, desistisse, também, da infausta tarefa, que lhe passei, não sem antes de dizer-lhe tratar-se de coisa incômoda. Sem mais delongas, aí vai um texto de que continuo a ter medo, que me assusta e me assombra de maneira cada dia mais crescente. Vai inacabado e sem esperança de sê-lo, com a maldição de inúmeras repetições ou reiteraões de que não o livre, nem me livre. Mas vai sem o quanto e o mais que para ele escrevi, depois de ser exaurido por ele em trinta e dois copões. Não valeu a pena, hoje tenho certeza. Mas como é covardia se desfazer de um filho, ainda quando bastardo, porque, segundo creio, um poema, como um filho, depois de

alberico carneiro

gerado e gestado, pronto e parido, precisa ser criado, eu o passo a você, caro leitor, para que o crie, já que eu só pude gerá-lo, gestá-lo e pari-lo. Criá-lo, tentei, mas não pude. Desvaneço. Ele é rebelde demais para mim. Aceitem-no ou expurem-no também conforme fiz. Só não o devolvam para mim, pois que não o quero mais, por quanto mal que me fez, impondo-me ter de lê-lo e relê-lo até desmontá-lo como um cirurgião que se perdeu dentro do esqueleto, tonto de sono e insônia. Melhor seria nem publicá-lo.

São Luís, 15 de julho de 2013.
Alberico Carneiro

não prefácio

Em 1985, ocorreu-me a ideia de escrever um texto metalinguístico, dividido em episódios. Escrevi, então, o primeiro, que é um texto de poesia em prosa, cujo título original é Até que a morte nos separe. Com esse texto, inscrevi-me no Concurso Literário, de caráter internacional, da Casa de las Américas, creio que em 1986/1987. Sobre o resultado, recebi uma correspondência comunicando-me que eu havia sido classificado entre os trinta finalistas. Por questão de urgência de prazos, este primeiro episódio, que não está digitado, senão datilografado, não constará desta primeira edição. Ainda em 1986, no Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado do Maranhão, sioGE, li algumas passagens para o escritor Rossini Corrêa. Ele achou o texto estranho tanto quanto eu. Imaginem.

Minha intenção era criar um texto de obra aberta e de desfechos imprevisíveis, descontinuado, cheio de cortes, isto é, de narrativas que não se concluíssem nunca, como o ritmo da própria vida dos seres humanos. Algo meio autônomo. Recorri ao mito mais forte das letras brasileiras, o de Gonçalves Dias, algum tempo depois. Mito, digo, porque a vida do cidadão e poeta Gonçalves Dias, tendo sido em vida e obra tão inverossímil, é, paradoxalmente, verossímil. Gonçalves Dias foi um Ulisses real, que teve uma Penélope real, de sorte que o melhor poema de Gonçalves Dias é a pulsação de sua própria vida. Ele teve vários amores, ou paixões, mas estava retornando sempre, embora platonicamente, para Ana Amélia, o seu único e verdadeiro amor, de fato, suponho. Pois, nas demais, ele estava sempre procurando Ana Amélia e relendo nelas, esta. E como não a encontrava em outras, passava adiante. Isto me intrigou, a eterna busca do amor desencontrado e perdido em outras, ou em outros, no caso específico da mulher que busca.

A minha ideia era, também, a partir daí, produzir uma obra lírica, mas também com forte marca de poema satírico e, ao mesmo tempo, erótico, mas que não contemplasse um gênero literário em especial. Assim, parti de um ponto de vista ao mesmo tempo irônico e

alberico carneiro

contraditório, que buscasse desconstruir o mito de Ulisses e o de Penélope, tomando por base esses mitos do ponto de vista do Brasil, onde ninguém espera ninguém sequer por um ano, quanto mais por vinte.

Nos 4 primeiro episódios e no último, não uso nenhum sinal de pontuação nem letra maiúscula. Isto não é nenhuma novidade para as vanguardas modernistas e pós. Resolvi optar por uma linguagem que correspondesse ao ritmo da própria vida, descontínua, imprevisível, marcada por surpresas, cortes. O exercício da existência humana não se enquadra em cânone. A vida de cada ser humano não se enquadra em normas, porque as contingências do destino não têm tradição. A vida de qualquer ser humano são flashes, instantâneos, cortes, desconexões, descontinuidades.

Através do mito do amor entre Gonçalves Dias e Ana Amélia faço uma leitura do amor no meio do mundo e fundo a ideia de que o orgasmo dá aos seres humanos o privilégio de, através do pertencimento, arrebatamento, transporte e transcendência, poderem participar do mistério da atemporalidade, da eternidade e da imortalidade.

9 | Quanto à inclusão do poema-livro no Projeto de Poemas sobre Gonçalves Dias, deveu-se ao encontro casual, próximo ao prédio da Academia Maranhense de Letras, com os organizadores da Antologia de Poemas sobre Gonçalves Dias, professora Dilercy Adler e professor Leopoldo Gil Dúlcio Vaz. Convidaram-me a participar. Disse-lhes que tinha um livro sobre o mito Gonçalves Dias e Ana Amélia, ou seja, sobre o Ulisses e a Penélope, em versão brasileira. Meses depois, comunicaram-me sobre a inclusão do meu livro, no Projeto. Aceitei.

A obra vai, no entanto, inconclusa. Mais sobre o texto em si poderá ser lido ao final dos episódios, no posfácio. Como, no caso deste não gênero literário, você começando por qualquer parte, ao cabo vai dar no mesmo. Sugiro que, como eu, comece pelo fim.

São Luís, 15 de julho de 2013.
Alberico Carneiro

PRIMEIRA PARTE

ILHA DO AMOR

[...] andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, [...] Depois, inteiriça era a forma de cada homem, com o dorso redondo, os flancos em círculos; quatro mãos ele tinha, e as pernas o mesmo tanto das mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado, semelhantes em tudo; mas a cabeça sobre os dois rostos opostos um a outro era uma só, e quatro orelhas, dois sexos, e tudo o mais como desses exemplos se poderia supor, [...] apoiando-se nos seus oito membros de então, rapidamente eles se locomoviam em círculo [...] desde que a nossa natureza se mutilou em duas, ansiava cada um por sua própria metade e a ela se unir, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada querer fazer longe um do outro. [...] É então de há tanto tempo que o amor de um pelo outro está implantado nos seres humanos, restaurador de nossa antiga natureza humana. [...] É ao desejo e procura do todo que se dá o nome de amor.

(Platão, O Banquete; tradução, introdução e notas do prof. J. Cavalcante de Souza. – 3ª. Edição. Rio de Janeiro: DIFEL, 2005, p. 119-122).

aqui & agora
hic et nunc

gonçalves dias viajando em busca de ana amélia
por são luís copacabana recife paris coimbra londres
dresden bruxelas que todo homem tem sua busca
a procura para encontrar sua outra metade assim como
toda mulher procura seu homem num transatlântico num
ônibus num supersônico no trânsito no tráfego nas blitzes
dos olhos do controle social nos trâmites das vias de fato
da vida na ilha na ponte na estrada no mundo no muro das
lamentações em obscuro lugar de incógnito coração que
cada um procura aquela sua surda suada costela subtraída
de que é feito um outro o oposto que é seu duplo que é uma
parte do todo do par do um e no outro do um e de dentro do
outro do um e no corpo do outro o ouro do tesouro

que cada um	sem o outro	não se inspira
cada um	sem o outro	não respira
cada um	sem o outro	não delira
cada um	sem o outro	não conspira
cada um	sem o outro	perde a lírica
que cada um	procura um outro	que é o seu vinho
cada um	procura um outro	que é o seu ritmo
cada um	procura um outro	que é sua rima
cada um	procura um outro	o seu ímã
cada um	procura um outro	que é o seu reino
que cada um	procura um outro	que é o seu rio
cada um	procura um outro	em suas íris
cada um procura	um outro	o seu limite
cada um procura	um outro	o seu delírio
cada um procura	um outro	seu sorriso
cada um procura	um outro	o arco-íris
cada um procura	um outro	o seu perfume
cada um procura	um outro	a sua musa
cada um procura	um outro	o seu cúmplice
cada um procura	um outro	o seu mundo
cada um procura	um outro	a sua música

que é de abelardo sem heloísa de julieta sem romeu
de ulisses sem penélope de inês de castro sem dom
pedro de betsabá sem o rei davi de lampião sem maria
bonita de tristão sem isolda sim onde estará a metade de
cada um perguntase eis o enigma que a esfinge não
sabe propor ao coração de quem enfrenta a
angústia a amargura a ansiedade a aflição o exílio e
a solidão por querer saber quem é que lhe impõe
tamanhos tormentos temores e tremores quem fazendo
parte dos corações dos solitários é sua parte sua metade
quantos fazendo parte das metades sem metades sem suas
predileções de percepções vão se alongando no mundo
prolongando no planeta o infinito cordão da obstinada procura
daquela parte que falta a única a exclusiva metade da identidade
perdida naquela costela que corresponde à falta no outro aleijado
corpo que enfim quando se encontram e congraçam se expandem
se dilatam se conectam se encaixam e contentam da falta que não
estava em céline a belga de bruxelas nem na outra amélia de
londres nem em leontina ou natália em dresden nem em joséphine e
eugénie nem paris nem em olímpia em copacabana que uma
única mulher se busca em outras desencontrandose e assim como
uma mulher procura em vão um único homem em outros e
embora seja chamada volúvel adúltera ou sonsa velhaca está
apenas procurando desesperadamente o que perdeu frustrandose
em cada nova tentativa decepcionandose porque a ilha que se
busca está quase da mesma maneira e onde estava a ilha por que
se perdeu gonçalves dias por ana amélia que não é a ilha de são
luís nem qualquer outra ilha geográfica senão aquela única úmida
ilha por que se perdeu ulisses por penélope a ilha a ilha a
maravilha por que nascem vivem se apaixonam amam sofrem se
perdem se matam ou se suicidam morrem ressuscitam e se
imortalizam os poetas

pois onde encontrar ana amélia senão em ana amélia por acaso julieta
estará em heloísa e jocasta em inês de castro raquel em betsabá maria
bonita em messalina isolda em salomé gabriela em rita baiana joão
batista em herodes tristão em abelardo romeu em dom pedro o rei davi
em sansão salomão em lampião e joão batista em jacó

pensarse vagar sozinho pela eternidade de além-túmulo sem uma
memória do amor haverá essa outra viagem tão desejada pelos
mortais para o céu ou para o inferno e pagar por doutrina e
remorso por haver procurado o ser amado em outros acuado e
acusado de adultério chamada de messalina salomé madalena
arrependida à mercê de insultos perdas e pedras

15 |

e enquanto cada um não encontrar seu lado esquerdo
ou direito que falta andar manquitolando torto tonto triste
trágico tanto do corpo e penando mais da alma se não se remendar com
as duas outras pernas e os dois outros braços para o abraço
permanecerá aleijado jamais terá sossego enquanto cada
um não se tiver completado com todos os órgãos e ossos com todos os
membros e veias com todos os vasos e artérias em duplicata e a
aritmética aí falha diante da onisciência fálica ó ciência exata falha e
seu insidioso caráter ó ciência sem ciência refúgio de equivocados
sábios de deuses túmulos e diabos ó ciência miserável com seu venenoso
cárcere com seu peçonhento rabo ó ciência da consciência com seus
cálculos sempre exatos sem os cálices sem os calos dos mistérios
dolorosos dos corpos que vagam e vagem órfãos

os sábios não sabem nada sobre a arte do naufrágio nada sabem sobre o mar da travessia a nado não soletram uma só sílaba sem a métrica dos cálculos seguem a risca sua ríspida tabuada de idiotices exatas são um monturo de fórmulas que arrancam almas a fórceps são um dispêndio de fósseis são torres de babel de fossas são catedrais de papel são um dilúvio de estéreis bestas quadradas em série da reprodutibilidade do céu uma montanha de ossos de dinossauros do caos são hemorróidas no cosmo são o dispêndio do óbvio são o velório do orbe

os sábios não sabem nada nem sequer que não são sábios não sabem que não são nada não sabem que nada sabem nem que não há nada do que saibam que já não sabiam os cágados

dois é um quatro é único dez em vinte são quarenta quatro corações oito olhos como os dos siameses tralhotos quatro bocas oito lábios e a beleza dos grandes lábios da flor carnívora enclausurada camuflada no recôncavo onde a rosa morde o cacto e o afoga com suas lágrimas o oásis fazse encanto e o mandacaru em prantos o deserto fazse em mágoa e chuva as estepes em soluços e o sertão chora dilúvios que são a causa de tudo do todo do assombro e do espanto do deslumbramento e o quebranto por onde tudo começou para que nunca se acabe nem tenha fim no seu lacre de visgo grude goma arábica da boca de siri e simulacro de morte genocídio holocausto e eternidade que o fim é sempre um princípio do que não tem fim na humanidade que ama viver em permanente sobressalto pelo que lateja e comicha pelo que se inflama e palpita pelo que intumescer e se aflige pelo que em baixo se abisma no que se derrama e inunda no que se afoga em dilúvio e se salva em precipício e sob a noite se exilam as partes onde conspiram e deliram e perdem a noção de juízo e perigo de remorso e risco e pagam com prazer o prejuízo

dois é um quatro é uno dez em vinte são quarenta quatro
corações que corações têm seus braços e suas pétalas
labirintos e tentáculos ventosas vórtices e vértices
músculos cadeias em cavernas de artérias veias e vasos
como o polvo tem seus laços de tentáculos para abraços
oito olhos somados os dos corpos e os das almas seis
bocas e doze lábios e as oito fossas comuns dos quatro
ouvidos quatro orelhas quatro septos e a flor do ânus em
parelha e os dedos das mãos em vinte e os dos pés em
duplicata quatro línguas quatro céus das bocas sessenta e
quatro dentes cinco pernas três cabeças e quatro fornidos
joelhos e mais quatro coxas e entre duas delas no exílio do
recôncavo rosa silvestre bela adormecida entre pétalas
entre conchas negras roxa cicatriz que esconde crônica
chaga que guarda perpétua ferida que vela na embocadura
da gruta a rosa negra juba jubilosa de pantera em seu
assombro e espanto como exuberante corola de papoula e
a sedução de seu ópio com seus lábios escarlates talvez
roxos ou lilases rubro-negros cor-de-rosa com sua caixa
blindada com sua abotoadura de cacto com seu ri-ri de
mandacaru que em silêncio esconde o ímã do vício e do
ócio do ofício do ofídio no orifício de nácar âmbar
e almíscar fera que doma outra fera pela coluna vertebral a
medula onde a testosterona se despe e se desespera e se
derrama no mel que outro mel espera na conjunção da
colmeia e esse pouco é o mistério princípio e extensão do
céu

e os que não penetram na noite da flora morrem sem aquela parte do
outro sem a qual ninguém se resolve nem funciona

e outros a maior parte viaja até a morte num apa num grand
condé num ville de boulogne à procura do amor desconstruído e
o poeta no largo dos amores cai em desgraça pelo troco da magia das
migalhas das armadilhas dos versos que vão dar no mesmo erro e inferno
das escadarias do métrico e reproduzibilidade em série do tédio das rimas
e do soneto e do remorso sem remédio e remendo dos que se perdem das
ladeiras e escadarias do poético onde o verme se faz verbo e eterno

trocar o momento mágico pelos vórtices do inferno da sintaxe na prisão
do fogo eterno da gramática em sua torre de babel dos vocábulos acaba
ó na desolassidão do oceano numa baía de são marcos num boqueirão
numa barra dos atins na croa dos ovos de guimarães coçando os inchados
colhões e o pênis desconsolado de cabeça para baixo conforme chora no
diário de bordo seu infortúnio o bárbaro bardo de quarenta e um anos de
idade sabendo que esteve antes ali tão perto do oxigênio da vida naquela
ilha não da ilha de são luís mas naquela outra ilha a ilha a ilha a
maravilha a ilha de ana amélia e ao contrário estar ali à beira da morte
sem amor sentindo o cérebro invadido pelo veneno do verme do caralho
do tempo mordendo os neurônios o esporão da angústia da amargura
cravado no peito até a perda dos sentidos e onde era mel é veneno

e o mais é o mar de dor e mistério sem remendo e remédio
oceano terrível mar imenso de ondas procelosas rebentando num polo e
noutro polo

seres humanos se buscam do amanhecer ao crepúsculo à noite praticam a
arte de lobisomem como poetas penando perdidos de suas metades como
zumbis pobres dráculas privados da quota de sangue pobres santos ou
demônios seres humanos se usam se lambuzam lambem suas ferrugens

eterna busca da eterna música porque nas populações do planeta há milhares de metades que assinam contratos de cônjuges em cartórios sacristias dizem até que a morte nos separe mas na cama não se casam ao telefone não se encontram na mesa no sofá na rua não rimam não ímam não afinam não riem são simples metades truncadas trocadas tanto é que as duas bandas não se ajustam quer nos corpos quer nas almas quando muito se esforçam para serem companheiras parceiras dos negócios e afazeres de família e continuam cada uma a solitária e eterna busca no anonimato da obscura angústia

são milhares de bandas desencontradas descasadas nos corações algumas ferozes adversárias e inimigas umas das outras até a hora da morte e os sobreviventes viúvos continuam a alimentar o ódio contra os parceiros depois de defuntos querem trazê-los de volta ao mundo dos vivos para torturá-los e matá-los e ressuscitá-los outras vezes para outras vezes torturá-los e matá-los e matá-los e ressuscitá-los outras vezes para outras vezes matá-los

19 |

partilhando um único teto todos os dias do ano anos a fio refazem o mesmo propósito de se tornarem viúvos por essas brigas do inútil ofício do sacrifício conjugal os cônjuges sofrem prisão perpétua e luto no lar por antecipação mentes assassinas que à noite maquinam discreta e sub-reptícia na memória homicidas em potencial planejam óbitos arquitetam crimes simulam mortes esquartejam corpos assassinos em série serial killers bebem o sangue fresco das vítimas e os enterram como víboras nos sepulcros da memória da memória meu deus quantos crimes na memória e as prisões do amor vazias

são bicudos que se beijam barrigudos que se abraçam entre insultos e ameaças uns e outros com suas facas e farpas sob as máscaras das faces

um quando olha para o outro veemse recíprocos defuntos e passam assim
noites e dias e anos no fio das lâminas das navalhas dos crânios
encomendandose à cidade dos pés juntos e encontrandose no naufrágio
da mesma cama e jurando que se amam que se amam que se amam
querendose como defuntos e abraçandose como nunca e beijandose como
múmias

acordas à meia-noite depois de anos de casado e estás dormindo com um
estranho de lado que vive contigo há quantos anos e não sabes sequer
de quem se trata olhas o corpo sabes o nome de batismo mas
desconheces a alma embora saibas o número da carteira de identidade
talvez o número da conta do banco por alguma crueldade e pensas esta
costela não é a da minha outra metade quando a olho é um ser estranho
cada dia mais a desconheço nela não há nada de mim não me basta nem
completa não somos cúmplices em nenhum crime quem é essa quem é
esse com quem reparto o quarto a cama a carícia o abraço o beijo o sexo
as palavras com quem finjo fazer amor de dia ou de madrugada tramando
usar entre os braços no abraço as garras e o ofício de ofídio

os bem-amados como cascavéis se enlaçam e o veneno é o antídoto

que costela é essa que apesar do formato de harpa quando toco suas
cordas não vibram quem é esse animal que visito à noite e habito e é
feito sei lá de que fibra e que enfermo nos conformes da ferida e me
morde como a víbora morde o cacto no deserto morde o mandacaru na
caatinga morde o cadáver no saara morde a morte no oásis morde o que

alberico carneiro

morde e se despedaça de dor da infâmia da morte nos icebergs dos corpos
que se despedaçam e desgraçam perdidos da graça da vida e em
destroços que até depois de mortos e mórbidos ainda se mordem

não conhecem o fogo a sarça ardente do bico e língua do pássaro de fogo
em chamas entre as pétalas da rosa que nos jogos do amor se incendeia
consome e consuma no ato de fazer amor a faminta ave do paraíso ave
da árvore da vida que só come quando é comida que enquanto comida é
que come quando ferida sara apunhalada se cura quando sangra cicatriza
quando chora está feliz se palpita se comicha se intumesce se se inflama
se soluça se se aflige se se abisma pede bis

com quem dormimos e andamos pela existência compartilhando as
toalhas talvez a escova de dentes o almoço o sono a doença a saúde a
negação da juventude e a paciência o capricho e a pirraça discutindo as
escolhas que são sempre diferentes em cada um e ainda assim sonham
juntos sob as mesmíssimas estrelas ao longo de dias e noites meses e
anos compartilhando o chuveiro o guarda-roupa o sifão a copa a cozinha
o fogão como conseguem contemplar o sol o luar o mar de mãos dadas
se não se acrescentam em nada quando dialogam subtraem são os
desígnios de deus diz o pastor diz o papa mas como se não se completam
nunca se encaixam no que falta num e noutra e o mais próximo a que
chegam é a distância e a ausência

assim as pessoas percebem e aprendem com o sofrimento do silêncio que
certas situações de liberdade vêm após suplício e silício mordanças e
mudanças ameaças de algemas e cadeados fogo do inferno em cárcere
privado na própria casa prisão perpétua ou pena de morte exílio
compartilhado parte a parte sem aparte de cada parte sem apetite e com
fome comendo e em eterno jejum

e você vê pelas ruas e praças casas de festas e farras ou pelas frestas das
páginas das cartas como as partes dos casais se apóiam umas nas outras
cambaleando como se bêbadas de desencanto vão juntos os corpos justos
como máquinas que se entrelaçam como esquifes nos ferros velhos
enferrujados da vida

as almas dobram esquinas diferentes e cruzam com desconhecidas
calçadas ou mansardas os invólucros continuam em cárceres enquanto
as almas como pássaros voam em liberdade

o macho demarca com leis
seu território
a fêmea viola as fronteiras
com as meninas dos olhos

alberico carneiro

que importa são luís ou paris às quatro horas da tarde ou ao pôr do sol à
meia noite ou de madrugada com as primeiras aragens da aurora a brisa
suave soprando sobre as tenras folhas das madressilvas tocando a pele
arisca das sensitivas alvoroçando as maliças quando as muriçocas e
marimbondos selvagens convocam os louva-deus para fazerem amor
sob a trêmula e tênue luz da estrela d'alva no frescor da aurora
caminhando no roseiral com dedos cor de rosa e a fêmea louva-deus gira
entre as trêmulas pernas a cabeça do macho e ajoelhada a devora durante
o orgasmo e o deixa partir em êxtase feliz em par em pé de guerra em
silêncio e em paz esse é o momento em que a fêmea abdica da eternidade
dando-a como prêmio ao macho

como a libélula pode ser feliz em perizes em são luís se lá não está sua
outra metade fazer amor em alcatraz ou na ilha do diabo vale mais do
que em qualquer outra cidade

23 | afinal o que valem manhattan dublin ou ítaca sancta lucía trapobana íon
ogígia ou galápagos se nenhuma dessas ilhas é a ilha da mulher amada

à ilha do diabo goa angola cabo verde moçambique elba santa helena
prefiro a ilha do exílio a encoberta a deserta de paragens soturnas e
inóspitas prefiro a galápagos aquela ilha assinalada da mulher amada que
conheci e fundei no arquipélago de fernando de noronha na clausura e em
exílio em abstinência e jejum e em vigília sem fim ilha de um outro
arquipélago que assinalada se banha no bálsamo que flui como olho
d'água das entranhas do mar mediterrâneo dos corpos como oceanos de
diafragmas e abdomens

ilha de gozo e martírio
pátria de solidão e exílio
quanto mais camuflada querida
quanto mais encontrada inesquecível
na prisão dos cinco sentidos

não permita deus que eu morra sem que volte para lá
lá onde ela me disse coisas como nunca ninguém disse
e me quis como nunca ninguém quis
me abriu sua teia sem armadilhas e ardis
e fez as nossas carnes tristes ficarem tão consoladas e felizes

permita deus que eu permaneça lá na ilha da mulher amada
e lá na memória faça eternizarse a flor o bico e a língua do pássaro beija-
-flor

não faço pacto com o vento fecho os olhos ao mal do tempo só
derramarei meus lamentos nas mudas asas do ventre onde conheci o
veneno que mata remorso e senso e cura até do mal do pensamento nesse
estágio do meio do caminho desta vida o ser humano ignora a existência
de deus e do diabo que vão viver para sempre provo o ópio da
exuberante papoula desconformosa e maravidiliosa me ajoelho ante a
heroína e tomo a overdose de lótus e me esqueço como os lotófagos da
memória cronológica para sempre

lacre amargo de minh'alma a quem mandarei esta carta sobre a história
do fruto acre do fruto agre docefel amargomel veneno do vinho
doceamargo da vinha do vinagre da agrura da amargura do ser
amargurado pela angústia da ressaca do ângulo angusto e da salmoura do
salamargo da saudade da maldita felicidade que há na flor que ao calor
do sol abre par em par as

pétalas

como a ostra ao calor do fogo abre par em par as

conchas

e revela entre os gomos gêmeos da fruta conha

o mexilhão e a pérola

como é o nome dela francisca julieta ana amélia consuelo gabriela cravo
e canela maria bonita ester jocasta teresa raquel inês de castro dalila isolda
betsabá que deusas do amor nunca morrem julietas e heloíças renascem
todos os dias

que uma mulher ou um homem do pacto de amor não tem nome endereço
identidade cartorial não tem idade nem século em que viveu cada um é
atemporal e dura na projeção de sua imagem e dura na proporção do seu
amar alguém em estado de amor é a soma de todos os que amaram rita
hayworth joan crawford marlene dietrich greta garbo ingrid bergman
bette davis gina lollobrigida ava gardner sofia loren elizabeth taylor
deusas do cinema ou anônimas julietas obscuras criaturas do olvido que
nascem e morrem como se não tivessem existido mas que viveram
amores e compartilharam a libido mais que monarcas e príncipes que
foram íntimos de príapo e dionísio que deuses são de todas as pátrias e
naipes e nenhuma idade e lugares são de muitos mitos dissolvidos nos
filtros da memória dos naufrágios e salvamentos perdidos no tráfego no
trânsito do inconsciente coletivo no fluxo e refluxo dos trâmites das vias
de fato da vida onde se encontram os amantes após o desregramento de
todos os sentidos até se aquietarem em espasmos os corpos belos
lânguidos lindos e lassos e finalmente exaustos diáfanos em estado de
graça e em silêncio

em silêncio

e

em paz

SEGUNDA PARTE

ROSA SILVESTRE
BELA ADORMECIDA

bela bela
ela era bela
era bela e era fera
era bíblia e era fábula
era bula e era bala
era flor e era fruto
era flora e era fauna
era folha e folhagem
era floresta e selva
era fonte e era foz
era fome e fôlego
era fogo e fúria
era febre e fibra
era força e fuga
doce fel
amargo mel
era inferno e era céu
era bússola e babel

quase mirim	maçaranduba
quase puçá	guajiru
quase pirunga	pitanga
quase ananás	abacaxi
quase araticum	jacama
quase jabuticaba	ata
quase goiaba	pequi
quase juçara	bacaba
quase tamarindo	jenipapo
quase buriti	açaí
quase castanha de caju	tâmara
quase cajá	murici
quase melancia	manga
quase pitomba	criuli
quase graviola	jaca
quase abricó	sapoti
quase tangerina	laranja
quase cupuaçu	bacuri

ela era como uma mistura estranha de ostra flor ou castanha como um réptil ou como uma coisa formosa sobrenatural medonha sem classificação sem nome desconformosa maravidiliosa metade mandacaru metade pomo metade manacá metade maçã metade rosa metade coroa de espinhos por fora oásis por dentro olho-d'água uma parte estepe escuridão e treva a outra maná mistério e festa uma parte voragem torpor delírio a outra ressurreição e arco-íris uma parte íngreme montanha a outra depressão subterrânea uma parte assombra a outra encanta uma parte é aranha a outra plancto uma parte se fecha a outra se entrega uma parte é arrecife a outra puro paraíso uma parte é planalto a outra planície uma parte inspira a outra conspira uma parte chora a outra delira uma parte soluça a outra se inunda e há uma parte que morde e a outra transborda uma parte é fel a outra mel metade monstro metade fada uma parte é mansa a outra selvagem uma parte é floresta a outra sebe uma parte é selva a outra caos uma parte é camuflada a outra se abre em expectativas e perplexidades uma parte se veste a outra se despe uma parte se exila e a outra se abisma uma parte se aflige e a outra delira uma parte conspira e a outra se asila uma parte se espanta e a outra se encanta uma parte é remota e a outra inóspita uma parte é recôncavo e a outra recôndito uma parte é chuva e a outra oceano uma parte é dilúvio e a outra atlântico da rosa enclausurada encoberta filha do silêncio e do exílio da solidão de paragens soturnas e inóspitas

ainda que a ilha seja manhattan
ou a cidade seja londres
ainda que a ilha seja ítaca
dublin são luís sancta lucia
íon troia creta trapobana
ogígia cabo verde goa angola upaon-açu
carnaubeiras sant'ana grande pequena
palmeiras dos porcos mucunandiba
do rosário mangue alto e a cidade
seja new york paris roma primeira cruz
copacabana alexandria babilônia
estambul bizâncio ou sampa
nenhuma cidade nenhuma
ilha do mundo é bela maravilhosa eterna
se não é a ilha da mulher que se ama
na rua num beco travessa ou esquina
ruela ou praça estrada ou avenida
no claro no escuro de dia ou de noite
num elevador num poste sem luz num muro
de lamentações no tráfego no trânsito
no meio do mundo do oceano atlântico
pacífico ou índico

ou num rio vicinal das blitzs dos olhares
do controle social entre semáforos
na praia no porto no mar como salva-vidas
se fazendo náufrago para se afogar
num barco esquecido num cais
em carro abandonado ou casco
sem vela de escuna sem dono
na solidão das angras e mangues
à margem da vida burguesa
na beira da embocadura de golfo sem nome

num porto inseguro num farol perdido
no jardim do exílio no cárcere do éden
na pedra da memória que não guardará
sequer sua própria memória num cais sem futuro
enseada sem nome parcel dos afogados
entre os cortantes corais do estreito de gibraltar
entre os escolhos do turbilhão do estreito de messina
entre caríbdis e cila no mediterrâneo de obscuro mar
nos arrecifes dos naufragos
num bosque anônimo no aeroporto
na rodoviária nas universidades das vias de fato
da vida nalgum hospital farmácia
ou clínica de química do amor nas bibliotecas
da sabedoria universal das pessoas
simples que não leem livros
que obscuras leem a enciclopédia
da existência humana sem
livros e páginas consagradas ou em
determinada ilha de ignoto arquipélago

nas antilhas ou em algum castelo
sob densa neblina e cacho de nuvens
da cor de juçara de açai bacaba
lilás ou azul negro cinza-escuro ou
sob alguma muralha e sua
serrada sebe de espinhos de urzes
e sua juba jubilosa de mandacaru e cacto
que esconde a negra polpa como saborosa fruta e seu nácar
característico como de ananás araticum
que por detrás das urzes de seus pêlos púbicos
esconde bagos suculentos mais deliciosos que
as polpas de manga de abacaxi de jaca

ainda que eu tivesse o dom de todas as línguas
ainda que eu tivesse a posse de todas as ilhas
ainda que eu tivesse as ilhas de todos os arquipélagos
ainda que eu tivesse a ilha de são luís
se eu não tivesse o teu amor se eu não tivesse a tua ilha
eu nada seria

única flor dos lábios oculta e bela
templo de esplendor e formosura
ouro nativo que na garganta escura
a bruta mina entre os cascalhos revela

amote assim desconhecida e obscura
amo o teu viço agreste e o teu aroma
bárbaro de selva selvagem de silencioso idioma
e o ópio que se derrama em clausura

amo teu exílio amargo teu comovedor abandono
de rosa sitiada enclausurada blindada como
à que estou preso entre espinhos e pétalas

em paragem soturna e inóspita do recôncavo
na solitária em que espontaneamente me encerro
condenado a cárcere de prisão perpétua

bela

ela era bela
era bela e era fera
era bíblia e era fábula
era bula e era bala
era flor e era fruto
era flora e era fauna
era folha e folhagem
era fonte e era foz
era floresta e era selva
era o bicho folharal

era fome e fôlego
era fogo e fúria
era febre e fibra
era fuga e força
infernal da foda
era inferno e céu
era bússola e babel
era rosa e reino
selvagem e silvestre
bela adormecida
por baixo da floresta
com seus lábios
rubros
e a coroa de espinhos
em torno das pétalas
como um escudo
no portal do céu
se abrindo como flor
se abre par em par
em pétalas
por todos os lados e
lábios

ou

como ostra que ao calor do fogo
abre par em par as
conchas
e revela
entre as
pétalas
entre os
gomos gêmeos
da fruta
concha
o mexilhão
e a
pérola

ou como a castanha que ardendo entre brasas entre labaredas incendiandose o fogo abre
lhe a negra carapaça e oferece sua doceamarga resina que queima como pimenta e o
doceamargo fruto entre fumegantes brasas abre as conchas e oferece entre larvas de
lágrimas o doceamargomel de seu incendiado clitóris

| 34

que importa uma ilha celebrada o acidente geográfico
tombado patrimônio cultural da humanidade
que importa são luís às seis horas da tarde ou
às duas da madrugada ou às seis da manhã se
o fuso horário é apenas um acidente de folhinha
tropeço em calendário ou em ponteiros de relógios
prisões entre as grades dos pêndulos ou na precipitação da areia movediça
de ampulheta rotina de agulhas de bússolas
ou astrolábios que não interferem na voragem e na vertigem
do tempo imemorial nem na indiferença dos galos ciscando e
comendo merda lombrigas e minhocas nos quintais e quintas de são luís
como se geleia real

tudo isso em nada afeta

a pulsação da verdadeira ilha nem
o amor que fecunda o canto ilícito
de outra matéria e memória sem cronologia
que se tecem em outros planos que não regem
a menstruação dos crepúsculos do desterro
e da madre deus só interferem no curso do amor
do que sendo oásis se fez rio no que sendo deserto se fez mar
no que sendo estepe se fez oceano e no que sendo noite se fez luar
e do luar se fez em luz da madrugada e no que sendo verão se fez inverno
e no que sendo inferno se fez céu e nos cérebros que se fizeram almas na
conjunção e conjugação de dois corpos no meio da noite da meia-noite
dos arquipélagos de dois corações querendo se concluir se cumprir nesse
trânsito nesse tráfego acelerados da vida se salvando enquanto se perdem
quando se encontram e conhecem enquanto se entranham e se perdem se estranham
e desconhecem quando se conectam como antropófagos e canibais quando se
ferem como feras em fúria eternamente de férias em transe em
transporte transcendentais e eternos além de deuses e diabos além de remorso e medo
além do que é além

35 |

e esta cidade-ilha de poucos banhada em oceano de merda e lodo bela e naufragada em
ondas de coliformes fecais e o povo nadando em bosta celebrando a tragédia entre o
anil e o bacanga entre perizes e a ponte josé sarney poluindo o atlântico de fezes
sujando as praias e as lembranças manchando as ondas e as bênçãos cagando no mar de
gonçalves dias entre a ponte da estiva e a avenida litorânea contaminando a memória de
cinco séculos da ilha de são luís

para onde foram todos afora o musgo a cinza e o lodo

para onde foram os gênios dos rituais e recitais
onde se perderam as sombras e os sonhos dos boêmios
para onde foram todos eles por equivocados engenhos e canaviais

nada disso tem importância se esta não é a cidade
se não é a ilha da mulher amada

daime meu deus o céu sem estrelas
a galáxia que é bela porque é sem sol
sob noite negra sob floresta negra
sob a escuridão da selva mais escura
onde os pássaros calam o canto
onde é doce o aroma de sal e o amargor do mel
do mal da angústia do ângulo angusto do ser amargurado
pelo gosto agre do vinho da vinha do vinagre da ressaca
da salmoura do salamargo da saudade
da maldita felicidade

ó grilos de minha glória
insônia regada a paz
desassossego ao corvo de edgar allan poe
ao delírio da cotovia de shakespeare
e ao canto do rouxinol do bem-te-vi e do sabiá
de gonçaves dias

quero quero o que mais quero
não quero o ludíbrio da sorte
quero a libido da morte
pois só derramarei meus lamentos
nas mudas asas do ventre

eis o caule ereto sob a densa folhagem
da copada árvore e esta é a árvore aberta em flor
como um bicho folharal
e esta a madrugada que se abre em expectativas e perplexidades

alberico carneiro

para a página sem palavras da imortalidade
e apenas esse instante é mágico e milagre
essa migalha em voragem e vertigem de alta voltagem
e tudo o mais é palavra palavra palavra palavra
que mancha a lua de mel de pequenos pardais
que em revoada saem das páginas
para apagarem os rastros do papa-mel

se é belo o oceano e murmura na areia o mar
se contemplos o pôr do sol do cais da sagração da beira-mar
as aves que gorjeiam aqui cá ou lá sem a ilha da mulher amada
não gorjeiam que nesse caso o lugar é mero acidente geográfico
é simples pretexto de tráfego trânsito e blitz

sob as cinzas dos crepúsculos as glórias dos mortos é decantada
sob túmulos de chama-marés e moluscos e uma inútil
saudade de equivocados deuses e triunfos
mortos perdidos nas páginas da mídia
mortos fora dos calendários e dentro da literatura
mortos absolutamente mortos em suas sintaxes
em suas liturgias em suas biografias em suas sujas autobiografias

| 38

restou de alguns os amores
que poetas do texto foram poucos
os que aprenderam a ser loucos
varridos e arriscaram imortalizarse
não no poema de palavras
mas no poema de carne e osso
e morreram prisioneiros desse cárcere
próprio de quem se sacrifica
pela solitária da prisão perpétua
do mal do amor e o que dele fica
para dar sentido à poesia e à vida

o nome dela era eva jocasta lia eurídice
livia heloísa penélope isolda julieta inês
de castro ana amélia rita baiana maria
bonita dolores consolação ou tereza ruth
raquel conceição consuelo beatriz
medusa esfinge láquesis átropos cloto
babela bárbara heliodoro marília amores
únicos eternos favos de mel salomé
precipícias rainha abelha rita baiana gabriela
cravo e canela violeta flor de lótus camélia
maria arcângela catirina betsabá louva-a-deus
entre o bacanga e o anil entre o portinho
e a madre-deus entre o porto do itaqui e carajás
entre o campo de perizes e a ponte da estiva
e a estrada translitorânea entre o cais da sagração
da avenida beira-mar e além da bandeira tribuzi
além do boqueirão além de são josé de ribamar
além do mamuna além das barras de sarnambi
carará tubarões e carapirá

39 |

que importa são luís roma londres paris new
york manhattan sampa dublin ou copacabana se
nenhum desses lugares é a ilha da mulher que se ama

sossoturnilhados sossussustados sossussurrantes e sossussurtidos
de setrom parambulamos parlamentamos e paralelamarmentramonos
anonimamantes anonimamamos em amordoceamornegroamorluciluzenteamor
a sumunirmonos nus labirisalientrantes serpenetrantes permanentrantes
falimentandonos movimordentes e morrimoventes mordimorrentes e
morrimordentes em mistérios gozosos e gloriosos

e paira um longo silêncio ao longo e além do soturno cais da sagração ao longo e
além do maracanã e perizes além do aeroporto além da rodoviária além do porto
do itaqui além do arco-íris além de são luís que nenhuma ilha do mundo é bela
maravilhosa eterna se não é a ilha da mulher que se ama se a ilha não é a ilha a ilha
a ilha a maravilha da mulher que se ama ilha por que se perdeu ulisses por
penélope romeu por julieta abelardo por heloísa rei davi por betsabá sansão por
dalila jacó por raquel édipo rei por jocasta dom pedro por inês de castro napoleão
por josefina lampião por maria bonita gonçaves dias por ana amélia a ilha a ilha
a maravilha por que nascem vivem sofrem amam lutam se matam se suicidam morrem
ressuscitam e se immortalizam os poetas

TERCEIRA PARTE

EXÍLIO NO
MEDITERRÂNEO

romaromamoramoromãromaromamoramor

rom

mor

a

a

rom

mor

a

a

mor

rom

ã

ã

mo

om

r

r

om

mo

ã



os territórios do amor não são como áreas geográficas
latifúndios ou edifícios não são lugares no oceano
não são condomínios nem apartamentos
não têm limites fronteiras não são coisas disponíveis
não são objetos da mídia nem acessos de internautas
são outra geografia privilégio exclusivo de duas memórias
patrimônio privativo de minúsculos neurônios
onde o tempo não escoia ampulheta não funciona
só no fluxo do pensamento o filme reproduz o encontro
da mulher que lembra um homem
que foi sua outra metade
ou de um homem que lembra
uma mulher com quem esteve
num oásis num rio ou oceano
numa manhã numa tarde
numa cabana ou pousada
numa noite ou madrugada
fora da manhã e da tarde
fora da noite e da madrugada
fora da cabana e da pousada
fora do fuso horário
do everest e do aconcágua
onde da mesma maneira não contam
tempo cronológico e memória
pois que se trata da transcendência das ilhas dos arquipélagos
dos corpos que como ímãs se atraem
a rosa roxa rubra em seu recôncavo
e o bico e a língua do pássaro beija-flor em seu espanto e assombro
que provocam inundações e inesperados dilúvios
e esse pouco é o soturno canto dos reinos encantados e obscuros
que nas profundezas criam os caminhos do futuro

que importam cidades ilhas
nomes e nomenclaturas
se onde paris acontece
se onde o rio anoitece
se onde copacabana se despe
se onde são luís se perde
se onde o tempo apodrece
se em ítaca não há penélope
se romeu não tem julieta
se sansão não tem dalila
se jacó perdeu raquel
se orfeu não tem eurídice
se dão pedro sem inês de castro
se napoleão sem josefina
se dirceu não tem marília
se lampião sem maria bonita
se abelardo sem heloísa
se tristão sem isolda
se édipo rei sem jocasta
se o rei davi sem betsabá
se salomé sem joão batista
se gonçaves dias sem
ana
 amélia

como pode o fuso horário interferir no fardo
do encontro de amor como os ponteiros
dos relógios poderão mudar a gravidade
do magnetismo dos corpos em conjugação que sem se conhecerem e conterem
se atraem e inexplicavelmente se movem como ímãs
no mesmo sentido para o encontro e as bússolas
como poderão mudar as rotas dos espermatozoides
que ninguém sabe estabelecer de fato
porque é que se movem
milhões de corpúsculos
em trânsito derramandose comovemse
e como os corpos vertiginosos convergem
um para o outro dos pontos mais imprevisíveis
do universo e em algum lugar se encontram
na esquina de algum verso
ou no leito de algum poema
onde o verme se faz verbo e eterno
como instrumento da precipitação do orgasmo
e da urgência do acaso poético
e não da gravidade do métrico

45 |

quem poderá mudar o curso das percepções sensoriais dos cromossomos que nem mesmo sabem o porquê
da urgência com que violam territórios fronteiras como pilotos-suicidas e em abismos se precipitam e
nem os cientistas nem os calendários podem estabelecer porque é que os espermatozoides se gastam
estroinas nem em que velocidade explodem para fora do falo e com que força titânica se projetam aos
milhões num jato pelo canal seminal numa fome e fúria numa febre e fogo numa força e fôlego dos
corpos que se consomem e consumam em ejaculação e simulacro plasmando sopro de vida

um homem e uma mulher
que se encontram ou se esbarram
que se despem e se assaltam
que se enlaçam e se arrastam
que se conquistam e congriçam
se emocionam e comovem
numa cidade ou numa ilha
se aconchegam e se envolvem
se enamoram e se resolvem
no que se inflamam e transbordam
num muro de lamentações
e esquecidos dos conflitos
do dia a dia do mundo
descobrem a eternidade
enquanto fazem amor
e enlouquecem os relógios
e alucinam as bússolas
e dão potência a tendões e músculos
sob o descontrolo do plasma
e fazem uma guerra que
torna nada a guerra de troia
e sem sentido esparta
e a eternidade minúscula
e tornam inúteis os calendários
e os corpos vomitam ouro
quando os corações disparam
choram imortalidade
tomam porres de amor
e sóbrios de álcool se embriagam
na essência de cardo e flor
que de felicidade soluçam
e se desfazem em lágrimas
de contentamento

alberico carneiro

e os díspares se tornam uma só carne
quando um no outro naufraga
para que a humanidade se salve
como se esse ato de vida fosse
feito de destroços de corpos
se apossando um do outro como
se a verdade mais clara fosse
fruto do absurdo como se
o absurdo fosse cópia
da realidade da cópula
e aí são deuses os corpos
e sagrada a hora do coito
que só se remendam quando
um despedaça o outro
comendo-se nos diafragmas
tutano medula e miolo
que um sem o outro não come
que um só come enquanto o outro é comido
só quando comidos é que comem
como antropófagos e canibais

47 |

que um só é em si do que some
quando se projeta no outro
e lhe derrama o seu ouro
e aí está todo o tesouro
em baixo no subterrâneo dos corpos
pelos recôncavos por onde
se erguem por baixo e elevam
das profundezas ao céu
e esse ato é o mistério
irrevelado mas concreto
de toda riqueza do planeta
da eternidade na terra
por obra e graça da costela
de adão em eva

se assim não fora não seria
sempre a mesma história
da mulher que busca um homem
ou de um homem que busca uma
mulher e um e outro não sabe
o nome um do outro ou os lugares
que cada um ocupa no planeta terra ou
o jeito de que cada um é ou
em que idioma fala
mas empreendem a procura macho e fêmea
de suas outras metades em
alguma parte do mundo
e quando se encontram perdem
a ciência das palavras e o dom da fala
perdem a noção de tempo e pontos cardeais
perdem os limites de fronteiras e territórios
se apossam de almas e corpos
de carnes veias vasos e ossos
de músculos tendões e órgãos
perdem a fonética e a sintaxe
anulam as fronteiras da moral
nos olhos uma outra semântica
de comunicação se instala
há neles uma troca de plasmas
quando numa sarça ardente se embriagam
e uma outra linguagem de fogo ardente neles se deflagra
e sobe pelos órgãos
com as labaredas dos diafragmas
quando um no outro naufraga
banhados em lágrimas
e tudo isso é mensagem mistério mágica e milagre

alberico carneiro

para que assim se consagre
a inutilidade da fala
e a morte súbita da palavra
para a intimidade entre carne e alma
e o amor se erga e eleve por baixo
por todos os lados e lábios
e que o mediterrâneo seja a pátria
em que se encontre o manual dos sábios
prova da inutilidade das palavras

girando em suas cabeças
os neurônios são invisíveis sensores dos corpos
são radares e sonares como câmaras cinematográficas dos cérebros
rastreado cromossomos como máquinas fotográficas
procurando como somos como estamos em busca
da viagem mais fantástica que é dada aos seres humanos
que se erguem e elevam ao eterno pelo sêmen dos séculos
e tudo isso é mistério aos que ao mar do amor se abandonam entregam
e servem quando penetram no céu
e os servos tornados deuses
vassalos banhados em mel
comem caviar como reis
e o trono diante do qual se curvam
é o reino de todos os reinos
que se conhecem na terra
onde se penetra em pé de guerra
e se triunfa em silêncio e se descansa em paz

sem se saberem que são um para o outro
vão pelo mundo muito próximos
ou em extremos do universo solitários
num transatlântico num avião
num elevador numa praia
num site de relacionamento
num aperto de mão num olhar
num aceno numa fala num afã
no deserto do saara num oásis ou
numa megalópole numa metrópole ou
numa sala de repartição no caixa
eletrônico de algum banco numa fila
numa parada de ônibus numa festa

alberico carneiro

num elevador numa ilha
no arquipélago de galápagos ou
de fernando de noronha
no triângulo das bermudas
em copacabana ou
no deserto de atacam

não sabem ainda que vão se encontrar
e se salvar e salvar a humanidade
e a memória de deus e do diabo que não existem
sem a cópula e o orgasmo
vão dar continuidade a uma memória
sem a qual nada existe
antes que a brasa se apague
e a vida se faça em cinzas
e é urgente mais ainda
que o pacto em sêmen se consagre
e os seres humanos se encontrem
em recônditos recôncavos
lugares solitários e anônimos
obscuras selvas ou savanas
lá em baixo em planícies
de onde se erguem e elevam
e alcançam picos e píncaros
mergulhando como escafandros
nas profundezas abissais
de obscuros oceanos
lá onde as bocas se selam em lacre
para o encontro clandestino das línguas
no túnel secreto dos lábios

não sabem que convergem para um encontro no meio do caminho na pedra do poema driblando versos
para mudar toda a história do universo no oceano atlântico mar mediterrâneo estreito de gibraltar cabo
das tormentas da boa esperança do bojador nas barramas no desfiladeiro das termópilas garganta angusta
dos trópicos de câncer e capricórnio em trapobana em ítaca em ogígia em íon em são luís em primeira
cruz no gulf stream no arquipélago do farol de sant'ana ou maiaú nas antilhas em roma veneza ou londres
em barcelona em lisboa em bruxelas dresden em copenhagen em paris em copacabana em sampa em praga
em sancta lucia em cabo verde em angola em goa em moçambique em munique em guiné-bissau em são

alberico carneiro

tomé e príncipe em new york em manhattan no arquipélago de fernando de noronha no mar abissal no triângulo das bermudas nos escolhos do turbilhão do estrito de messina entre caríbios e cila num shopping center nas universidades das vias de fato da vida em alguma farmácia clínica ou hospital de química do amor num estacionamento no cabo do medo ou na ilha da mulher que amas

deitados
na rede
na cama
na cadeira
no sofá
no peitoril
no balcão
na grama
na relva
no chão
de cócoras
de borco
de braços
de joelhos
de quatro
no quarto da lua crescente de cheia
de clandestinos amantes

há milhares de mulheres e homens
homens e mulheres que empreendem a
viagem pelo mundo do atlas ou de seus
corações e percepções
trafegam circunavegam continentes
arquipélagos cidades e ilhas de multidões de pessoas
exiladas segregadas prisioneiras de seus cérebros
e nunca encontram as outras metades ou
se já as encontraram não perceberam nem
tomaram conhecimento de que a procura acabou
tendo perdido o transporte para a vertiginosa viagem
na voragem e na vertigem e alucinação dos sentidos

alberico carneiro

que é dada a todos os seres do planeta terra
antes de envelhecerem antes de morrerem
antes de apodrecerem sob sete palmos

bem-aventurados os que ousaram dar o salto para o abismo
e se salvarem nas chamas do incêndio do precipício
lá em baixo ao mergulharem no paraíso perdido
no vale do silêncio no recôncavo das bênçãos
onde os mudos compõem música para os órgãos dos sentidos
reféns da cadeia de notas da solitária cárcere da prisão perpétua e exílio

outros preferiram ficar contando moedas acumulando tesouros contemplar a terra azul de armstrong
gagárin investigar as viagens de marco polo pedro álvares cabral cujas proezas nada significam para
quem chegou muito além do além do que é além

há quem ao final de existência velho
e exausto da busca de sua razão de existir
se console com controle e poder bens
e propriedades dinheiro compromissos
inadiáveis negócios lugares na mídia ou na bolsa de valores

mas esta vida é tão estéril de razão de ser
quando não se consegue penetrar o único mistério já revelado
buscando num céu inalcançável o que está cá em baixo
no chão da revelação da única realidade
dos seres abalados em suas essências a mercê de
inundações inesperadas mudanças
na frequência da pulsação e dos batimentos cardíacas
instabilidade emocional ansiedade aflição
alterações no tempo da respiração palpitações
aceleração no fluxo do sangue
descontrole emocional
transpiração inexplicável
alucinação dos sentidos
vertigem e volta às origens

se a ética e as doutrinas
interferem no exercício do tálamo
é só para desgaste de tempo
e distanciamento

uma vaca com a boca úmida me olhou alegre no fundo dos olhos e me fez mu o boi a lambia e ela tranquila lhe abria e revelava o seu cálido livro exuberante sua obra-prima enquanto ruminava sua relva descontraída sem preocupação alguma com o tempo do boi ofegante curtindo seu prêmio nobel da paz

e o tempo do mundo devorado por séculos de civilização me fez crer que naquele instante do instantâneo dos cérebros boi e vaca viveram mais que os novecentos e sessenta e nove anos de matusalém e foram além

e tive uma estranha e feliz sensação de que aquela vaca do fundo do olhar enigmático me sorriu e me disse com aquele ar safado de mona lisa algo como nunca ninguém antes me disse o que deveria ter sido dito ao poeta gonçalves dias sobre abrir as teias sem armadilhas e ardis e fazer a carne triste ficar tão consolada e feliz conforme disse o poeta shakespeare

57 |

entendi de uma capininga que ser filósofo e sábio que ser pastor que ser papa é distanciar-se da obra de deus e embriagar-se dos sussurros e cochichos do mal

você toma um porre de álcool de filosofia de religião de droga os que você não verá mais estarão lhe esperando na ressaca cobrando que os ressuscite você toma então uma overdose e vem o médico e o tira do coma você ressuscita no terceiro dia e percebe que apesar de tudo ainda está vivo e eles estão lá na porta do hospital exigindo que você dê um jeito de os tirar dos túmulos daquele silêncio absurdo perpétuo e absoluto ou mergulhe em outro porre tipo doutrina de igreja evangélica para esquecê-los e deixá-los em paz estarão lá nos ressacaldos nas esquinas de aguardantes cobrando que você sequestre deus e exija como resgate que lhes devolva as vidas ou mate o diabo da saudade mas deus não está em nenhuma parte para aplacar a solidão e a dor pede que você se mate ou faça outra coisa que ninguém sabe qual seja a não ser que receba a passagem para a barca de caronte e viaje pelo letis para o adis

QUARTA PARTE

A SANTA CEIA DOS RÉPTEIS

pássaros e peixes crustáceos e insetos animais e répteis todos os bichos os bípedes e os quadrúpedes os que andam e os que rastejam os que voam e os que nadam e os que nadam e rastejam o jacaré e o camaleão o iguana e a salamandra o croaru e a ariranha a capivara e a libélula a borboleta e a pantera a águia e o beija-flor têm uma memória sensorial do amor

todos indistintamente independente da espécie ao passarem pelo planeta terra têm a oportunidade de gravar em seus precários e belos corpos as digitais como rubricas seus afetos como autógrafos em algum lugar dos recôncavos recônditos de suas paragens soturnas e inóspitas matéria e memória das percepções sensoriais a fonte de faro e instinto da febre e fome de fogo e fúria de força e fôlego de corpos que além da morte sobrevivem e se perpetuam para além dos destroços antes que o tempo cronológico transforme os corpos em ossos

crustáceos mariscos e outras espécies o siri o caranguejo o camarão a lagosta a siriboia o polvo em ventosas e tentáculos têm uma memórias do amor

os seres todos os seres por mais celebrados ou raros por mais obscuros ou anônimos o cisne o ganso o pavão o bacalhau e a truta o camurupim e o esturjão o baiacu e o pacamão o pargo e a garopa o camurim e a arraia a siriboia e a lagosta têm uma memórias do amor

os bicos-de-brasa os irapurus os pica-paus as preguiças os grilos as cigarras todos indistintamente celebram e gozam e copulam e coitam e orgasmam sem roupas sem calçados sem maquiagem sem próteses sem plásticas sem silicone sem perfumes sem cosméticos como nasceram só com os humores dos corpos com que se odoram e cantam as glórias do criador das espécies sim louvam enquanto se cumprem no orgasmo a revelação dos mistérios da transcendência que acomete todos os seres durante o instante supremo de pertencimento transporte arrebatamento e transcendência para fora das cabeças para fora dos planetas para fora do tempo

os seres humanos quando se querem descem para a intimidade de si mesmos livres de roupas e credos livres de diabos e deuses como répteis como peixes pithecanthropus erectus antropófagos e canibais

os insetos assistem a tudo e nada perguntam não perguntam se apesar das mãos dos humanos algo se altera em essência nada se cria de novo senão a partir de um modelo original da natureza que os micuins hoje fazem seus filhos da mesma maneira primitiva que os primeiros micuins faziam há milhares de anos atrás nenhuma doutrina nenhuma filosofia alterou um só movimento dos seus minúsculos músculos a música de seus membros entremeados entrelaçados e enleados nos laços dos braços em abraços dos corpos jungidos arrejuntados e arregimentados nos rejeitos dos rejuntos das juntas os sexos banhados em lágrimas e soluços inundando os diafragmas até o êxtase e o dilúvio e esse pouco é o canto obscuro das flores dos recôncavos dos seres que sob teias camuflam favos de mel e colmeias com que perpetuam o mundo

os seres humanos se matam enquanto os irracionais seguem os cursos remotos de suas vidas nunca criaram uma lei nem tomaram conhecimento de alguma ao contrário se enamoram e enlaçam pelos sentidos corporais se acasalam e se cumprem sem palavras em silêncio orgasmam sem metrificação nem sintaxe sem que doutrina metafísica ou qualquer teoria científica ou picuinha de doutores da lei interfiram na aceleração do fluxo sanguíneo ou no ritmo dos batimentos cardíacos na pulsação disrítmica ou na palpitação do cio durante o acasalamento nos espasmos da cópula nada alterando seus humores seus movimentos circulares suas vibrações ondulares nenhum pastor nenhum papa nenhum bispo nenhum pai-de-santo nenhum demônio nenhum deus alterou o curso de uma só cópula dos grilos que sempre se acasalaram enquanto ao longo de séculos os humanos se matam brigando por controle e poder encarcerados nos cérebros

61 |

em decúbito dorsal todos os bichos todos os seres copulam se fazem dia e noite se aconchegam e penetram no mistério e na revelação do momento breve terno terno terno e conhecem o que é terno

os deuses não se deitam no chão por onde os seres simples se arrastam e por baixo se conectam e se elevam sobem acima das estrelas das constelações celestiais durante o instante perpétuo são transportados para outra galáxia numa outra dimensão de pertencimento arrebatamento e transcendência após o desregramento de todos os sentidos até desfalecerem em espasmos os corpos belos lânguidos lindos e lassos e finalmente exaustos diáfanos em estado de graça e em silêncio

em silêncio

e

em paz

nenhum livro de moral de religião pode sacanear a vida de uma só coruja ou de uma única preguiça nem de qualquer outro ser do reino irracional mas pode sacanear as vidas dos seres que foram moldados à imagem e semelhança

nenhuma frase nenhuma parábola nenhum poema nenhuma fábula nenhuma página nenhuma metáfora nenhuma enciclopédia dos bilhões de livros nenhum discurso nenhuma pregação vai alterar a cópula o orgasmo o sono de um único mosquito embora há milhões de anos infernizem seres humanos que poderiam ter sido e ser felizes

os répteis não se afadigam nem se consomem de sol a sol sob o sol e a lua nem se tornam histéricos patéticos não têm crises existenciais não entram em pânico nem discutem o gênero e o sexo dos anjos não sofrem remorso e aflição não fazem de suas existências um cavalo de pau gastando tempo tão precioso lendo teorias complicadas sobre deus e o diabo que têm toda a eternidade para rir de pobres mortais não se viciam em cigarros em álcool em cocaína em heroína em doutrina para fugirem da paranoia da tragédia existencial dos humanos que tomam overdoses e se matam sem se darem conta de que não são senão répteis com psicoses de humanos

os peixes não cogitam sobre nada seguem os cursos naturais de suas vidas como no começo dos tempos como na primeira manhã no primeiro dia na primeira noite ou madrugada bilhões de anos se passaram sem que sobre eles opere um mandamento uma teoria não os afligem nem inferno nem céu nem se perturbem com o discurso complexo dos tratados de moral dores de cabeça dos seres humanos são senhores de mares e oceanos

há milênios os répteis vivem sobre a terra sem conhecer qualquer torre de babel não enfrentam a maldição da travessias de oceanos de papéis decifram os mistérios com os pés e lêem a sabedoria com os sexos por que é por baixo que se conectam e expressam e aí encontram o nexu do universo e se erguem e elevam longe dos desertos dos textos até o céu

os animais não possuem tribunais palácios cartórios penitenciárias nem cárceres nem solitárias nem os bilhões de processos de crimes abomináveis não usam guilhotinas forcas cadeira elétrica nem pena de morte não têm horários calendários termômetros agendas de trabalho bússolas horóscopos universidades clínicas consultórios hospitais não têm farmácias nem bares nem têm médicos nem doutores não têm tempo cronológico psicoses e neuroses nem relógio ou telefone não têm preocupação de mídia e marketing não tomam parte em guerras da fúria imobiliária e não se embriagam senão dos aromas dos sexos não tomam porres não se drogam não praticam rituais em sessões de alucinógenos não fumam não frequentam escolas nem igrejas não consultam horóscopos nem mapas de astronomia não chafurdam fósseis não se queixam de perturbações do vago-simpático são simpáticos e amistosos com seus semelhantes ao contrário dos humanos não têm hospícios banham nas chuvas e em córregos ou em rios e em outros mananciais apesar dos bilhões de anos da humanidade ainda não aderiram a roupas talheres escovas de dentes sapatos e a outros acessórios próprios dos seres racionais escravos dessas coisas supérfluas que os prendem como televisão e internet blog twitter facebook email google e outras merdas das sociedades modernas

as pulgas os piolhos e as baratas se cumprem aos milhares sem ter
que dar satisfação aos pastores e aos padres aos doutores da lei e
ao papa suas doutrinas para esses seres não exercem nenhuma
influência

o rumor dos corpos dos pássaros passa sobre os códigos
rasga e apaga a rugosidade de página a página
a assembleia dos bichos nos emociona e comove
e convoca para mudar de reino e glória
e esse pouco é mistério milagre e memória

os verdadeiros filósofos os sábios do planeta terra não são os humanos
não são os deuses são os quadrúpedes os pássaros os peixes os
crustáceos os mariscos os insetos e os répteis que por obra e graça do
instante se acasalam e concebem a imortalidade os que andam e os
que rastejam os que nadam e os que voam e os que rastejam andam e
nadam sem roupas calçados sem escrita sem salão de beleza copulam
em paz no silêncio das florestas ou sob os leitos dos mares e rios onde
se deleitam sem livros livres do estresse das cidades porque debaixo da
sombra das selvas descobrem os mundos celestes secretos que há por
baixo das folhas das folhagens e refolhos sob a sebe de espinhos de
cacto e mandacaru e o que para baixo cresce por baixo também se
ergue e se eleva se perde e some e sobe além para o que leva além da
embocadura do céu além do que é além

a vida sem amor nada vale parece uma frase de efeito mas por causa
dela a égua solta no prado diz bem alto em seu relincho correndo a
cauda erguida ereta empinada sem falar qualquer idioma para não
estragar com palavras a beleza do instante meu reino por um cavalo
traz no corpo o livro aberto que o cavalo deve ler e escrever na obra-
-prima seu autógrafo sem preocupação de métrica e rima para não
estragar com sintaxe a beleza da poesia

sob a cadeia de bilhões de palavras de crápulas de vários idiomas jaz
rosa silvestre bela adormecida encarcerada e em profundo sono sob os
cânones humanos

além do bem e do mal é que começa a viagem os corpos deitados
sobre pilhas de páginas rasgadas de bilhões de livros de doutrinas se
aninham se entrelaçam e em decúbito dorsal de joelhos de cócoras de
braços de quatro ultrapassam as páginas e as palavras violam as
fronteiras do ilícito que encarceram no humano o idílio e vão além da
sintaxe

invejo os insetos os répteis os animais porque não têm pátria e são de
nenhuma pátria e não se vestem nem calçam não fazem motins nem
guerras não têm prisões nem cárceres não vão a salões de beleza nem a
clínicas de plásticas e próteses não escovam os dentes nem escondem
suas genitálias mesmo as aves e os peixes que apesar das escamas e das
penas não as escondem nem perguntam se a palavra vergonha é uma
invenção das armadilha das doutrinas de doutores da lei mas seres
dessa natureza não precisam de dinheiro não têm preocupações de
títulos em bancos não usam cartões de crédito não têm moeda não
entram em filas para complicados sistemas de compras de venenos
coloridos por sulfito não vão a cartórios não fazem eleições não vão
a médicos nem a dentistas a oftalmologistas não vão a pediatras nem a
urologistas não vão a ginecologistas nem a cardiologistas a
infetologistas nem a cirurgiões a neurologistas a psiquiatras a
psicólogos a psicanalistas não vão a laboratórios de análises clínicas
de base não vão a otorrinolaringologistas não vão a pneumologistas nem
a ortopedistas ou a oncologistas geriatras nem a proctologistas não
tomam conhecimento da existência de doenças ou da morte nem
aspiram ir à lua ou a mártir

a existência de deus ou do diabo não os atormenta e tortura com remorso e aflição vão morrer na ignorância da sabedoria não perderam nada por não serem tocados pela maldição dos alfabetos e dos números vão morrer sem a tormenta da tortura existencial vão morrer na ignorância da sabedoria e da cultura universal vão morrer sem conhecer as teorias de aristóteles e outros filósofos que são tantos vão morrer sem o dilema do medo de deus e do diabo sem conhecer a suma teológica de tomás de aquino e a procuração que deus passou a luteru e a calvino sobre o reino dos céus vão morrer sem o tormento do remorso sem perguntar como os seres humanos no trânsito no tráfeço nos trâmites da cópula do orgasmo também não perguntam nada não estragam o mel do mistério com palavras se cumprem como animais que são cúmplices ao penetrarem no céu dos corpos mas logo depois que se mordem morrem de remorsos de terem sido antropófagos e canibais

há um trono precioso um tabernáculo do corpo diante do qual os sábios os filósofos os sacerdotes os pastores os monarcas os ditadores os sultões os patriarcas os oligarcas os profetas e os poetas de todos os credos e denominações como mendigos e esmoleres se ajoelham se curvam e pedem esmola sabem que essa biblioteca é a única do universo que tem o livro sagrado do segredo da vida eterna viverá eternamente quem nele ler se esquecerá do tormento do fogo do inferno enquanto nele beber livro mágico sem palavras sem letras que se diz em outra linguagem em seu casulo folheado de páginas para abri-lo para lê-lo e penetrá-lo só aquele que aprendeu a renunciar a alfabetos e a palavras e a perceber a profundidade que há na concavidade das laudas par em par abertas como rosa que ao calor do sol abre a corola em pétalas e revela no esconderijo do casulo o néctar onde o bico do pássaro beija-flor penetra e escreve lá no fundo o seu autógrafo com a língua entre as margens da obra-prima da criação

o homem da ilha não sabe quem foi platão mas perguntelhe como foi que aprendeu sobre a arte da procriação e da preservação da espécie não tem uma explicação com palavras nem com escrita não sabe ler nem escrever nunca assistiu a um programa de televisão que sabe da internet de @ yahoo email site gmail google blog facebook twitter le só rirá

67 |

não ouviu falar sobre nietzsche mallarmé ou ponge gonçalves dias ou drummond baudelaire ou rimbaud sobre freud ou jung para ele todos eles não cheiram não fedem nem fodem são filosofia aponta a fileira de filhos eis o riso da sabedoria nem sequer conhece as letras do alfabeto nem sequer sabe o que é um verso muito menos um soneto mas tem netos e bisnetos que são poemas que são poesia viva de carne ossos e olhos de tendões e músculos de medula e nervos de cartilagens e de testosterona de medula e libido não pronuncia uma palavra além do estritamente preciso abraça a mulher em silêncio vão para o quarto sorrisonhos naquelas paragens inóspitas só o mar abissal rebentando nas margens das páginas dos livros de lençóis de areia quando analfabeto decifra os mistérios dos textos das rendas da lua cheia e do mar que percutindo no manguezal e nos igarapés esconde indescritíveis marés

ouvem o longo canto dos peixes que vem do mar abissal e o canto dos pássaros filhos da noite a mãe-da-lua a coruja e a rasga-mortalha e ao longe a retumbante ressaca da orquestra do atlântico com suas escalas em ondas com seus martelos oceânicos ecoando no silêncio das ilhas do arquipélago do farol de sant'ana onde a eternidade se banha com

suas tranças de conchas até que raie sanguínea e fresca a madrugada e
sejam despertos pelo canto do galo o solo solitário da araponga da
arancoã e das guaribas sob a neblina das barras da manhã na aurora
caminhando com dedos cor de rosa

se ao fim não restará pedra sobre pedra e o dinheiro não será útil para
nada afasto de mim esse cálice de ser criado à imagem e semelhança
é luxo é heresia querer a cruz de deus aspirar a tão alto ministério o
do calvário que foi demais para deus

o saber acumulado não vale tanto quanto a foda de um micuim e sua bem-amada quando naquele momento de ápice de ágape só deles no meio do mato no meio da floresta no meio da selva no meio do redemoinho do mundo vasto mundo sob o vento e a chuva escrevem seus maravilhosos poemas sem palavras eloquente discurso em silêncio e sem sintaxe se cumprindo um no outro sem alarde cada um com seu dilúvio sim o momento de um e outro se inaugurando e deflorando é impagável o momento do abalo corpográfico de pertencimento e plenitude de transporte e transcendência e de ir além do que é além

céticos cientistas preferiram proclamar como grande feito humano a ida do homem à lua e gozam com gagarin e armstrong há quarenta anos a vitória da impotência

grilos e louva-a-deus gatos anônimos em telhados sob a lua e o céu estrelado não se comovem não se deslumbram com a vastidão dos abismos insondáveis estelares sem início nem final não tomam conhecimento do inescrutável nem das legiões celestiais não se dão conta da presença dos deuses e não estão nem aí para o brilho das galáxias enquanto copulam e orgasmam não se perturbam como os humanos com a longevidade das estrelas que vivem 250 trilhões de anos e sem interrogarem quando nasceram quais os seus nomes se se preocupam ou se são indiferentes ao destino dos que amam mesmo sabendo que vão morrer hoje amanhã ou sobre se se preocupam com os que amam estar cá em baixo por baixo e abaixo como eles que com ardor fervor e escândalo se estaponam e se azunham se mordem se furam se fundem se ferem se compenetraram se fodem e fodem a sabedoria humana sem interromperem os seus instantes de estrelas por causa dos sinais e anúncios obstinados do fim do mundo e indiferentes à indiferença das galáxias celestiais fodem sem pagar a estada no motel do universo e por baixo se elevam e sem pedirem explicação sob a cúpula do universo sob astros e estrelas sob constelações celestiais penetram os mistérios gozosos e gloriosos na esquina de algum verso ou no leito de algum poema onde o verme se faz verbo e eterno

demolir o arsenal de sabedoria inútil constitui um ônus pesado demais para dois corpos que se querem mover e cumprir no meio da noite de pós-meia-noite no sentido de fazer amor e se concluir e onde fica o coração no meio disso dessa artilharia pesada filosofal metafísica

nossos corpos belos corpos não há como serem salvos todos sem exceção e distinção passarão ao esquecimento logo após as cerimônias do velório apesar de vosso ódio pelos pobres também os vossos tão lânguidos e glamourosos corpos tão perfumados e odorados porcos sem almas tão logo desçam à cova de sete palmos em cartilagens e ossos não há como serem salvos do universal fim em cadáver só a alma é uma ave que ultrapassa o corpo em linguagem

de nós restará uma memória uma prosa de amor para consumir a eternidade após o pó e o chacoalhar da poeira dos ossos e seja imortal a alma em sua cópula além do previsível e do óbvio além da droga e do ópio além do cigarro e do dólar além da AIDS e do ódio além e dentro das meninas dos olhos nas retinas e na memória e fora do ressentimento e da cólera além do atestado de óbito anulado pelo último porre de cópula e orgasmo

como apagar as doutrinas dos cérebros e dos séculos ressoando há milênios como verdades absolutas nas cabeças dos birutas mas quem foi quem disse isso que dos meus bisavós percutiu em mim os animais não se escondem sob roupas não se calçam nem besuntam os corpos com produtos de salão de beleza não usam próteses não se submetem a plásticas como múmias ambulantes sob rugas centenárias nem precisam de álcool e ópio para saírem da neurose para ficarem românticos como os humanos sarcófagos ambulantes depois da ressaca e da náusea da vida os animais se embriagam dos próprios aromas

que se desprendem dos sexos e se entranham na pele esses humores dos corpos que hipnotizam os cérebros esses humores naturais que fazem os mortais se acenderem e excederem se incendiarem e transcenderem depois que se acariciam se beijam enquanto se abraçam e abarcam se enlaçam enquanto se lambem se entrelaçam se amam se lambuzam se besuntam e penetram o reino e glória se tornam dois em uma só carne como gêmeos siameses e gemem como animais irracionais como louva-a-deus e lagartos antropófagos e canibais que copulam gozam e orgasmam de borco de bruços de cócoras de joelhos de quatro indiferentes à indiferença das constelações celestiais

quem se eu gritar das esferas celestiais me ouvirá das esferas celestiais ninguém me ouve mas os quadrúpedes os pássaros os peixes felizes respondem sem uma palavra a mudez do cosmo não altera meu humor não interrogo o orbe sobre nada foime dado conquistar o prêmio mais elevado cá em baixo por que vou cogitar se isso é perda de tempo e atrai dor e sofrimento quais dentre os insetos e os répteis estão preocupados em ser ouvidos pelas esferas celestiais então eu grito aos insetos aos répteis e eles em sábio silêncio cá em baixo me respondem copulando sem precisar de palavras para não estragar com sintaxe a beleza do instante e me esqueço da paranoia de gonçaves dias com palmeiras e sabiás árvores e pássaros emaranhados em palavras em gramática e sintaxe

o céu é belo é belo a abóbada celestial é linda é linda e o infinito mais ainda mas minhas mãos neste instante só alcançam está maçã que está na parte mais baixa da árvore da criação e em mim circula a serpente pela espinha dorsal na medula e sou falho da vocação de tântalo

| 72

aqui está a minha estrela no lugar em que me acho tão baixo e abaixo das galáxias da via láctea que quando para beijá-la me agacho algo em mim do que se inflama e desespera se ergue dilata e eleva ao alto na ânsia e aflição proporcional à espera por este recôncavo entre conchas e pétalas da embocadura do céu onde prisioneiro me salvo acima das esferas celestiais de dentro do cárcere da prisão perpétua e da solitária a que estou condenado e onde naufrago e me salvo mas não sei como explicar aos mortais das cátedras das universidades das ciências das ciências meu deus

à noite ouço o canto dos grilos que me estimulam a paixão pela insônia a aguçar o faro o olfato o tato a visão a audição o paladar no intercurso da madrugada isto me dá o consolo de descobrir que as noites em claro somadas com os dias em claro me permitem suspeitar se minha dita

alberico carneiro

precária vida de insônia perpétua por paixão de usufruir as vinte e quatro horas dia noite não valem mais do que os trilhões de anos de existência das galáxias que passaram e passarão sem coito sem cópula sem orgasmo

mesmo porque me recuso a ser poeta de pedra mesmo porque não escrevo a palo seco só quero ser no poema o poeta da fome pela flor secreta encontrado preso entre espinhos e pétalas e condenado a cárcere da prisão perpétua mesmo porque penso e sinto só como um inseto que não tem vocação para se tornar perpétuo mas que descobriu outro alfabeto sem letras e o caderno em que escreveu seus poemas sem textos de palavras e sintaxes que nisso ama ser puro desastre por isso tira a máscara da face e revela o pássaro beija-flor em esplendor de engenho e arte de bico língua entre as pétalas da flor e a noite ganha o deslumbrante charme de cafetina das cigarras das cigarras meu deus quanto cantam essas estroinas do tempo até estourarem que extravagância de goela de tarde e luar vida vida bela vida breve

os seres humanos do pôr do sol à madrugada se põem a maquinar a arte da sub-repção para roubar e matar perdem o melhor momento da noite praticando a arte da morte decretam a morte da beleza do instante que viceja e cresce sob as sombras quando eu aproveito para caminhar com os insetos com os répteis e com as aves noturnas sobre as estrelas e alua quando cruzo madrugada as travessas e avenidas as ruas becos ruelas praças pontes viadutos túneis semáforos tráfegos trânsito engarrafamentos blitzs aeroportos rodoviárias universidades hospitais clínicas e farmácias de química do amor restaurantes bares hotéis motéis supermercados shoppings equilibrandome sobre as poças d'água da chuva a colher a lua e as estrelas com os pés enquanto urino nos charcos e as faço mais brilhantes e interessantes sob o meu mijo que detém fortuna de espermatozoides semens que são as letras do alfabeto do meu livro de sabedoria interior de minha teoria sobre a vida e o futuro dos séculos sem sexo que vou deixando no chão com rubricas em estrelas e na lua oferecendo essas páginas inéditas nas folhas das lâminas d'água com a escrita do tinteiro das lágrimas originais do meu sexo e da paixão dos meus sentidos e de meus nervos e a testosterona dos testículos o melhor de meu tesouro com autógrafos para são luís

as estrelas gritam e clamam aos meus espermas que vão morrer sem conhecer o sal da terra e a luz do mundo que vão se afogar eu as ouço pequeninas e efêmeras chacoalhar nas poças d'água me olham com os olhinhos compridos minha alma mergulha no charco não se molha não se afoga não se suja não morre daí vai para sua ilha a ilha a ilha a maravilha por que se perdeu ulisses por penélope a ilha a ilha a ilha a maravilha por que sofrem vivem se embriagam e deliram se perdem lutam se matam se suicidam morrem ressuscitam se salvam e imortalizam os poetas

75 |

o mar pode ser um rei um deus verde madrepérola mas na praia se ajoelha após percorrer o círculo do gulf stream e com a língua molhada desfaz sua imensa muralha e sua cauda de dragão sua juba de leão e se ajoelha e se derrama e de quatro beija as margens da praia onde o ventre beija o céu e sua salgada lâmina d'água se dissolve em favos de melros é quando me vê e vem como um cachorro contente empinando as orelhas sacudindo o rabo como um vassalo um esmolé lambe os meus pés sabe que sou aquele que ama sábio sabe que sou aquele que está possuído pela danação e maldição do amor pela ilha da mulher amada sabe que escapuli antes do canto do rouxinol e da cotovia sabe que sou guiado pelo primeiro canto dos galos e pela anunciação da aurora pela guarda de arapongas siricoras e guaribas sábio sabe que morre a cada dia quem perde um só nascer do sol com seu silêncio de peixe

não há estrela no céu ou na terra nem astro-rei que não me contemple me distinguindo entre os mortais como ser tocado pela maldição do amor os humores que exalam do meu corpo me denunciam e por isso me contemplam cumprimentam e se iluminam com o meu brilho interior e os filtros invisíveis assim não há ser que me ignore e não saiba de sobra por que estou neste planeta tão possuído de ternura e alegria apesar da tristeza devastadora do mundo e digam lá vai ele o

que não faz questão de saber por que está aqui e agora neste planeta
nem como descobriu e decifrou o mistério que há entre o céu e a terra
que o mistério está abaixo de qualquer vã filosofia ou metafísica que o
mistério está por baixo onde o vassalo se ergue e de joelhos se eleva e
se entrega e compreende que sob as trevas é que a luz se anuncia para a
epifania

que a raiz se entranha na terra se dilata e intumesce cresce e se entrega à escuridão desce e é nas profundezas das trevas molhada em húmus que em caule se eleva ao céu

então o ser amado percebe que ser servo nesse caso é muito mais que ser rei e as pirâmides e quatrocentos bilhões de séculos me contemplam transferindo o DNA pelo engenho e arte dos espermas para salvar o planeta terra de se transformar em deserto

troco a sabedoria dos livros pela ignorância dos simples pelo instante do transporte para outra dimensão de arrebatamento e transcendência região atemporal de total pertencimento

77 |

os astros dizem e celebram lá vai ele o gira-mundo aquele que os humanos chamam de louco varrido porque se declara que vai pelo planeta terra limpandose da praga da sabedoria e adquirindo a sabedoria da ignorância dos irracionais sobre os quais não exerce nenhuma influência a praga das doutrinas estúpidas e obviamente criminosas e cretinas dos tratados científicos e paraísos pós-morte que são túmulos e sarcófagos ambulantes dos corpos dos que se pensam vivos só porque ainda se movem bolem e mordem depois de mortos mas já estão no rol dos mórbidos antes da morte

antes de irse o astro-rei se curva e ajoelha na linha do oceano onde me ponho abismado na porta do atlântico no arquipélago do farol de sant'ana vem me fazer continência sabe que vou morrer mas não invejo a permanência do sistema planetário e contentome por isso em arriscarme ir cada vez mais lá em baixo escafandrista sabe que vou mergulhar mais uma vez para o mar abissal para o perau profundo e descobrir lá em baixo o verdadeiro sentido valor e razão da existência humana acostumado a estar lá onde estão as negras algas entre corais arrecifes e planctos nos parcéis é para lá que mergulho e onde vou colher a negra ostra que ao calor do fogo abre par em par as conchas e entre as pétalas entre os gomos gêmeos da fruta conha revela o mexilhão e a pérola

eu prefiro a maravilha da memória dos amantes que viveram fora das manobras das palavras e das armadilhas das sintaxes das doutrinas dos livros como crianças se livram da noção de perigo risco e juízo brincam à beira de abismos e sorrindo dançam sobre precipícios e pagam com prazer o prejuízo

os humanos constroem torres edificam fortalezas muralhas plantam urzes arbustos edificam castelos multiplicam os arsenais de palavras e os cercos semânticos e sintáticos para impor prisão perpétua a rosa silvestre bela adormecida sob a ação do feitiço da bruxa das doutrinas prisão do bico língua e flor do pássaro beija-flor e da flor a fera da doutrina de língua fatal e ferina

lá vai ele feliz como um andarilho que encontrou um tesouro num vale numa gruta numa montanha num recôncavo como alguém que descobriu que o mais precioso desde o começo do mundo esteja no mesmo lugar em que foi posto escondido em obscuridade anonimato e exílio descobriu que somos seres dentre os seres obscuros e solitários sem bússolas e astrolábios sem folhinhas sem memória editada sem relógios e calendários e esse pouco é a liberdade dos que tendo as asas amputadas voam no canto como pássaros

o lugar do encontro o acidente de percurso é convenção geográfica
podem ser duas cadeiras ou uma mesa um balcão um alambrado um
sofá um peitoril uma cama uma rede uma parede uma rua um ruela
uma travessa um muro de lamentações um beco um bairro um barco
ruela ou esquina onde os amantes descobrem os tesouros que traças não
corroem cupins não devoram olhos humanos não veem prata e ouro
não compram deuses e diabos não alcançam e o tempo cronológico não
corrompe e nada disso é sonho ou conto de fadas mas a rua de mão
úmida dos corpos dos bem-amados em comunhão

o tempo da vida ávida dos poderosos ecoa nos séculos não da mesma
maneira que ecoa no instante dos poetas não percebem que é tênue a
teia de eternidade sem nenhuma ternura de quem investe na usura

79 |

copulemos sobre trilhões de páginas rasgadas de bilhões de livros
deitemos nossos frágeis dorsos nossos belos e inesquecíveis corpos
sobre inúteis hieróglifos de arsenais de palavras vamos abrir nossas
próprias páginas as páginas de nossos corpos e almas e ler os textos
sem palavras parágrafos e sintaxes e lendo órgãos e ossos e lendo
veias e vasos e lendo tendões e músculos pelos cabelos e nervos abrir o
secreto livro e penetrar no sentido da obra-prima brindar a memória
dos corpos provando um do outro o vinho da vinha da vida eterna
mergulhemos nas raízes da videira sob a grama sob a relva sob o dorso
do promontório pelas planícies e planaltos dos corpos desçamos e
dancemos pelos subterrâneos dos subsolos recíprocos que vão dar no
mar no rio do reino e glória das delícias dos mesmos aclives
emaranhados nos cabelos das algas entre corais arrecifes e planctos
para a beleza do instante do encontro maravilha do corpo em canto de
parto e placenta que a vida sem fantasia reinventam

QUINTA PARTE

A SOLIDÃO DE PENÉLOPES
& ANA AMÉLIAS BRASILEIRAS
(CORDEL)

Lamentação de Mirarcângela
após uma visitação ao Tear
de Penélope

Mirugodém foi pro mar
e nada de voltar
Onde andará meu amor,
que quero dar-lhe a minha flor?

Que belos dias
vivi com meu bem-amado
Hoje, só, entre as vadias,
lembro-me dos dias passados
Como o infeliz poeta Gonçalves Dias
choro, pelo que não beijo,
no Rio Anil, este meu Tejo

Tecendo e destecendo
fiquei neste tear
a espera do meu amado
que foi ao mar tenebro,
dizem,
para não mais voltar

De tanto chorar
e jejuar
por vinte anos
à beira da praia
pelo abandono
do fruto do Éden
entregue ao pântano
do esquecimento
Penélope
viu-se pelo vão verão das pernas
uma alegoria de fêmea histérica
uma macieira estéril

Ao contrário
de entregar-me à espera do retorno
na desolassidão do mar vário,
após o primeiro bordo
defenestrei o que ela, em inútil calvário,
usou como sacrário
inexpugnável
pensando uma urna o tálamo;
o sexo, tabernáculo

Do monte de Vênus
derramei tantas lágrimas
que a inundação das águas
aflorou por baixo do salamargo da salmoura da salga
como um olho-d'água
e afogou meu reino encantado
como um dilúvio vulcânico

Chamaram-me então Ana Amélia
um sinônimo de Penélope
Há quilômetros do Arquipélago
perdi a imagem de meu poeta

Na penumbra, uma silhueta
vi esfumar-se qual nuvem
E o pavor de ver-me virar Julieta
em plena flor da juventude
me roubou logo do sério
e entreguei o meu ego
aos cuidados de um marujo
que deu as costas a homeros

No tal cruzeiro
transoceânico
o tempo doeu-me tanto
que vivi vinte em um ano
e senti câimbras
em minhas entranhas
e sobre as ancas
o calafrio do abandono
e nos flancos
o assento fez feridas
no meu ânus
e o frio e a fome
fizeram feridas no meu brio,
e as cólicas do abdômen
me impuseram medo
e sofreguidão
no mar negro
do meu ego

E à mercê do jogo de cabra-cega
fui possuída pelo mestre
do silêncio
após ser introduzida na adega
de um polifemo
efêmero
e terreno
com nenhuma marca de deus
ou gênio

Só, sem o vate muito amado,
sofri o frio do mar amargo
do jejum
pus o preconceito fora dos lábios
tão castigada estava pela ressaca
da salmoura do salamargo da saudade
docefel amargomel
da angústia da amargura
do ser amargurado
pela maldita felicidade

e, sem o consentimento dos sábios,
e para o constrangimento dos oguns,
sob o céu desestrelado
vivi vinte anos em um

Quase louca de libido
sem sinal do arco-íris
do vapor de meu marido
doeram-me as íris
no olvido

ao procurar no mar do Tibiri
e no alguidar de açai
do Maracanã•
os rastros do poeta índio
perdido nas Antilhas, no Caribe,
após dançar reggae com as índias,
ou nos escolhos do turbilhão
do Estreito de Messina ou
como o poeta andarilho Rimbaud
em busca de sua abissínia
perdeu-se em seu Bateau Ivre

Perdi-me por moçambiques
e vi-me em Alcárcer-Quibir
com El-Rei Dom Sebastião,
entre índios, entre gringos,
entre pajés e caciques
que, perdidos de suas tribos,
preferiram à skalibu
a generosidade do cauim
e depois da Estiva e Perizes
acordamos no Bacanga,
na foz do Rio Anil
ou nas cabeceiras do Itaqui
sob a proteção de Mãe Ina
longe do naufrágio do Ville
de Boulogne

De tanto esperar
e jejuar
fugi das viúvas virgens de Atenas
juntei-me às adúlteras
indultadas
da salga
que resolveram quebrar o jejum
de suas vulvas
deixando ao mar suas
suaves palavras
e lágrimas

e sob a proteção das águas escuras
revelei a El-Rei Touro
todos os mistérios de minhas anáguas
os dotes de me tesouro
o céu camuflado em mágoas
o prazer em cemitério
a paz em leito de estrada
a salvação no recôncavo
a sedução de Eros
na via noturna
que desvia o marinheiro
do tédio
e dá-lha o néctar
que o torna mestre
do sortilégio

E urrei de solidão
como solitária loba
das cavernas

e senti na pele
a desolassidão
das panteras
das estepes

e procurei solução
nos palimpsestos
dos cadernos
sobre se há o amor
eterno
sobre a alegria dos que
dialogam
por gestos e em silêncio
sobre as gestas
dos modestos
e dos que
sobrevivem
anônimos
& obscuros

de borco
de bruços
de cócoras
de joelhos
de quatro
no quarto
na cama
na rede
na cadeira
no peitoril
no sofá
no balcão
na relva
na grama
no chão

| 90

e vaguei por tabernas
soturnas e infectas
e vi o sol para muitos se pôr
antes do começo da festa
sem assistirem ao espetáculo da vida
e senti o que tem uma ilha
de toda a sofreguidão das Antilhas
olhando por uma fresta
de indiscreta janela
para além dos montes
as estrelas
indiferentes aos jogos do amor, da vida e da morte

e me escondi nas trevas
de minhas pernas
e me perdi nas adegas
de mim mesma
e me recusei ser apenas
uma silhueta de deus
e senti em minhas entranhas
uma febre
de mãe
e vivi a noite eterna
e vazia
em minhas cavernas
submersas
e bebi toda a desolassidão
das solitárias montanhas
das paragens secretas
e subterrâneas
soturnas e inóspitas

e amaldiçoei Ítaca
e todas as outras ilhas
do Planeta Terra
e seus Ulisses
com suas hipocrisias
de encontros secretos
e promíscuos
de 7 anos com Calipso
em Ogígia

e amaldiçoei Penélope
por sua paciência perpétua
e entrei em cio como cadela
que procura os filtros da matilha

e senti no filé de entre pétalas
a fome do bicho das cavernas
a solidão das estepes
o tédio
das ignotas estrelas
e das montanhas sob a neve
uma febre
sem termo
sem lenitivo
e remédio
uma noite
sem tréguas
como noiva
de mim mesma

De tantos pretendentes
não quis nenhum
Com o furor uterino ardente
e o nauseante bafo de rum
do eterno banquete
de pretendentes,
a El-Rei Touro
entreguei o meu tesouro
sem ônus algum
e dancei nua
no terreiro de Ogum

Vi-me Messalina
em cabarés de Suburra,
uma Salomé noturna
de terreiro de bumba-boi
na pele de Catirina
e comi a língua do boi

Uma noite veio o El Maroto
disfarçado de tordo
tataramelando a língua
exibindo seu tesouro
rente a minha ferida
fingindo-se de tolo
meio torto
com infalível labisonda
roubada das angras
do mangue
e roçou minhas vindimas
e ínguas em ruínas

e senti um calafrio
que deu em febre e delírio
e entrei em cio
do mênstruo
monstruoso
fora de época
contrariando a genética

Tocaiandei-o nas docas,
roçaiandei-o de propósito
Criei coragem de louca
e dei-lhe um beijo na boca

Revelei-lhe minha sina
antiga
de viúva
em minha vulva
de exilada em minha língua
qual Antígona

Sua voz era um zumbido,
seu sussurro, um estampido,
sua arma um esporão, um granito
que me impeliu ao grunido

Com tal larabiabilidade
defenestrou a cambraia
de minhas anáguas
que fiquei como um peixe fora d'água
e o Rei travestido de Touro
como um desalmado rei-mouro
transversou-me o corpo
após ter-me embriagada
no cais de qualquer porto

Nessa noite o tal Touro
me assediou com seu âmbar
Hipnotizada pelo samba
ele me anestesiou até o âmago,
me acariciou, me babou,
me lambeu, me bezuntou
com sua língua de cachorro
me despiu, me lambuscou,
me bebeu, me malamou

Me levou pro mangue
e, sobre raízes de siriba
me tingiu de mucunã
me despossuiu e falimentou
Acordei tinta de sangue
um tanto exangue
mas feliz

Das pobres mulheres de Atenas
me desfiz
e fiquei apenas
meretriz

Durante vinte noites
nos braços do Touro
me liquefiz
no coito
sob o quebra-luz
da noite

Sem o tear
reaprendi a arte de amar
me fiz e me desfiz
sem jejuar

E dos jogos do amor, da vida e da morte
fiz o meu esporte
peculiar

De tanto assoar o nariz
eu era um poço até aqui de lágrimas
e a adrenalina fez feridas em meus rins
Vivi sem ovações e aplausos
porque mandei o mundo às favas
e peço bis
ao nauta
descarado
e sem pátria,
a causa de minha ruína,
que me salva

Naquela época,
Mirugodém me abandonou
por uma vida épica
com suas rameiras,
esnobou a minha prenda
meus babados e rendas
e quase virei lenda
contagiada pela lepra
de Penélope

Mas, sem perda de tempo,
ao pensar no trágico destino
da Épica
me abri ao veneno
da serpe

Livre-me da persona
do cadeado de minha cona
e dei-lhe o Estreito de Gibraltar
sem ir ao alto-mar
e dei-lhe meu mar negro
sem sair do arquipélago
naquela peleja
do eterno recomeço
do desejo
sem termo
de um queijo
por um beijo

Exorcizei o Boto Tucuxi
e mandei El-Rei Touro
para além do Itaqui
passando a Mãe Ina
a patente do Mouro
e a língua do boi de Catirina
comi com pirão de açai
sem invocar o Pioco
como álibi

E ao adultério não havido
camuflado num mito
dei um novo sentido
explícito
diferente do épico

Que o marinheiro em sua salga
não demore
qual Ulisses
O amor também morre
quando o navegante tarda

Eis, de graça, o meu exemplo,
longe da porta do mar tenebro,
sem o risco do gigante Polifemo
pois preferi a senda do lotófago
esquecido da moral para sempre

E de mim nada mais lembro
depois de anestesiada em meu templo
Não sei se era agosto ou setembro,
junho, fevereiro ou dezembro,
se era branco, preto ou moreno,
se lotófago ou maconheiro,
se era um deus ou era um demônio
que moia em minhas entranhas por dentro
Não sei se era um gênio ou era um verme
que roia a noite de minha epiderme
a exaurir meus talentos

Para tal discernimento
não recorri a Thirésias
nem a oráculos de igrejas
Na solidão do meu reino
vi clara a luz nas trevas
do apelo da órfã costela

Na intérmina espera
os olhos se enlameiam de ramelas
e a mosca-morta vira pantera
Messalina tira o véu
nas gafeiras de Suburra
e baila qual Salomé
na dança dos sete véus
em cabarés de subúrbio
como louva-a-deus fêmea
que come a cabeça do macho
durante o orgasmo

Para tão curta vida
seja rápido o esquecimento
que o Touro não passa duas vezes
pela porta do mesmo templo

Mais vale uma linguíça
na brasa ardente
que um faisão na Suíça
ou um marinheiro perdido
no Cabo das Tormentas
ou a paz de miragem acenando
no final do arco-íris

Apaixonei-me por Príapo
e gargalhei com Menipo
do primeiro ao último tempo
do campeonato dos cínicos

De tanto esperar o caviar
perdido no alto-mar
do Estreito de Gibraltar
abandonei o tear
e entreguei o jabá
pelo canto de um novilho
malcriado e malouvido
disfarçado de sabiá

Comecei a vomitar
por dias sucessivos
Vaguei dentro do quarto
sem dar conta de mim
esquecida do Ville de Boulogne
do poeta Gonçalves Dias

Meus seios viraram ubres
e me enchi de tanta saúde
e juventude
que perdi o juízo
e caí em júbilo
de tanto me entregar
aos braços de um Cupido
escrachado e maltrapilho
disfarçado de Pioco
ou de Rei-Touro travestido
menos mouro e muito cínico
que encontrei na ilha,
para aquém da Trapobana
no Arquipélago de Maiaú
e no Farol de Sant'Ana
entre a Ilha dos Lençóis
e a Ilha do Igapó

Um marujo muito só
que jogava dominó
sob as cinzas do arrebol
esperando o Touro reinol
para o orgasmo de aquém-pó

Nas surdas asas do vento
não derramarei meu lamento
Preferi escancarar o ventre
e saciar-me em silêncio
com o sábio veneno

Se já estava nua e sem mente
quando chegou o Demo
escancarando os dentes
com seu encantamento,
não houve perda de tempo
aceitei a serpente
que me ungiu como um gênio
do mal
e untou-me a ferida com aguardente

O Touro era um delinquente
por improvisar no repente
em romances de cordel?

Falava por desafio
no ininterrupto cordelírio
pintando a terra como céu

Enigmático, meu Deus,
a sua lábia eram rios
que fluíam dentre os cílios
jogando estrelas no papel
esbanjando arco-íris
misturando salmoura e mel
num melado de cabeça

E caí nessa cantada
de tanta larabiabilidade
que de pé vi-me de quatro
rastejar por um orgasmo
como um bêbado gambá
entre os braços de satã

De ferrabrás o esporão
era um chuvumbroso ferrão
no naufrágio dos anais
navegando-me por trás
Tal era a vadiação
que a moita de cansação
virou queijo, caviar
e senti na pitialina
entre o céu da boca e a língua
gosto de arroz de cuxá
de camarão com vatapá

Um papo tão diferente
e eloquente
em forma de sortilégio de Serpente
que vi-me Eva, no Éden,
sob o bicho rastejante entre
as embocaduras das trevas
perpenetrando sobre
a floresta negra
surdo-mudo
e cego
erétil como um deus
uma boca no meio
da cabeça
sem nenhum cabelo
livre e prisioneiro escravo e senhor
ao escalar o pão-de-açúcar
de meu mundo interior
firme como um dardo
sobranceiro, heráldico
erguendo como estandarte
rijo como rocha
umas rubras guelras,
magnífico peixe
naja acuada
no rumo do caos
do céu
até
perder-se
como cobra
que encontrou a sua cova
entre a cabeleira da selva
da juba jubilosa da pantera

Aí esqueci o meu lamento
e sem perda de tempo
me abri ao veneno
e não lamento pelo que tive
e ainda mais tenho
entre as folhas, entre
os refolhos do meu talento
entre as margens, entre os galhos,
entre os cabelos, entre e dentro
do que sem olhos e sem ouvidos
tem a encantação de um livro
obra-prima sem palavras
do prêmio Nobel da Paz

Te esperei, amor,
por muitas luas
e, chegada a estação das chuvas,
senti comichões
em minhas curvas,
quando o fruto do éden
tornou-se tão maduro
e volúvel
que foi comido pela fases
do quarto crescente da lua
cheia de minha alcova
que, dias depois,
desejei comer anchova
e o desejo fez fricção
em minha vulva
com sua mão
boba
e veio-me água
à boca
da noite

Então olhei para trás
e provei da lágrima salobra
Quebrei a estátua de sal
de Sodoma e Gomorra
Negociei com Satã às
na alcova
e recebi a graça por trás
de uma videira sóbria
até então sombria
naquelas regiões de paragens soturnas e inóspitas
E eu estava
entre as tarrafas
entre as ráfagas
de luar
entre as quilhas
entre as ilhas
enredada,
entre as amarras
de barcos
nua, entre as barras
da manhã
entre as redes
entre as rendas
entre almofadas e bidos
e teias de antigo tear
de puçás e landuás
quando escutei a cauã
e o canto da arancuã
e a bigorna da araponga
fez dueto com a mãe-da-lua
desencantando-me a maçã
da árvore enluada

e a serpente desceu
pela espinha dorsal do tronco
pela medula da árvore
da criação
e projetou-se como cobra
fora da folhagem
de tão aérea e ereta que estava
como se sua cabeça
houvesse adquirido asas

E fui possuída muitas vezes
antes do vir do amanhã
como isca de arapuça
presa de minha própria sinuca
do destino de ser mãe

Cansada de passar por inupta,
antes que secasse
a fonte da fruta
como um cacto num oásis
resolvi tirá-la do casulo
do anonimato

O demônio
fez barganha
com meu sexo
e fiquei lúbrica
em excesso
Meu corpo parecia
um exército
em pé de guerra
e em paz

meus seios
refloresceram
jambinascentes
como rechonchudos
borrachos de pombos
em penugem
e, os pés no chão,
estive nas nuvens
com o delírio
do púbis

E o touro outra vez veio
com seu bumba-meu-boi de ardeio
que mais parecia um tiranossauro
com sua crista de galo
com sua auréola vermelha

com sua guelra
com suas garras
com sua guerra
seu tentáculo
em espetáculo
saltando mil obstáculos
sem um segundo de tréguas
subjugando-me como cadela
subtraindo-me o fôlego
com ares de papa-léguas
com sua gula
com sua febre
com sua glande
gangrenada
de um vermelho
de velhaco
transformando-me
em mágica
folião em carnaval
perdida na alegoria
da vida de antropófago
e canibal
com seu bote de ariranha
com sua sede tamanha
que sarava-me as entranhas
quando a ferida tocava
como se operasse milagres
com seus enguios
e vômitos
de tiranossauro rex

Amarrotou-me os vestidos
e me flechou como um índio
me puxando e requestando
pelo escuro do quintal
entre cavernas e quilhas
e entre pirâmides de sal

Volteou-me com voz tão mansa,
me hipnotizou com seu âmbar,
um almíscar de diamba
Me disse com a cara mais limpa
com aquela língua muito suja
e aquele ar do dito-cujo
no linguajar de marujo,
bruxo disfarçado de fada-
madrinha, com eloquente fala,
me enredando em choro e samba
como se eu fosse uma piranha
ao me dar uma talargada
de original cachaça
de cabeça
e a cabaça
de diamba

e, quando dei conta de mim,
estava muito além do Jardim
do Éden, como a costela de Eva,
rolando na maciez da relva,
prisioneira desse neto
de alguns milhares de édipos
jocastas, telêmacos, thirésias,
laios, antígonas, lucrécias,
que são os mesmos Adão e Eva,
irmãos pela mesma costela

que permaneci no incesto
no escuro, na noite, nas trevas,
desde o dia em que nasci
e desse vinho bebi,
sobejo de tantos beijos
dessa genealogia de Eros
de filhos irmãos de seus pais
sem mobiliários e linhagens
que, misturada nos anais
vai dar no mesmo cauim
que embriagou Caim
e embriagou o Cacique
e suas filhas, qual Noé,
nu, depois do primeiro apocalipse

com gratidão a esse Touro,
El-Rei Dom Sebastião
com seu insaciável colhão
da providência divina
que troca o jejum pelo idílio
nos arquipélagos onde ulisses
não terão penélopes jamais

me chamou de malamada
me pôs no colo
como um Apolo
e me deu vinho
como Dionísio
e no seu delírio
me fez perder o juízo
e me fez cafuné
da cabeça aos pés
e comecei a derreter
entre sorvete e picolé

Aquelas palavras malucas
me davam choque na nuca
me derretendo entre
rapadura e açúcar

que entrei por essas vias
que há nos álbuns de família
com inúmeros retratos
que acabam embaralhados
para alguém pagar o pato

e depois de tantas trilhas
não soube quem era meu filho,
avô, bisavô, pai, marido,
rei, vassalo, maltrapilho,
que resolvi adentrar
a senda do labirinto
e lá dei com o Serpentauro
nos meandros, muito cínico,
metade homem, metade Touro
numa postura de síndico
com indescritível sorriso
cochichando-me ao ouvido
e quando dei conta de mim já era
Gabriela Cravo & Canela
minhas ancas, um delírio
o meu ventre, um arco-íris
e dizia ser eu a âncora
do seu Bateau Ivre

E comi qual Catirina
a língua inteirinha do Boi
que me inundou com seu fogo
de sarça ardente
subtraindo-me as forças
ao desvelar o meu ouro
defenestrando em meu mundo
os encantados do fundo
libertando-me dos fungos,
traças, térmitas e musgos,
tornando caboclos, reis

e não mais ouvi cantos de grilos
em meus ouvidos
e durante várias noites
não me senti um Mar Morto

O hipnótico canto
do marinheiro malouvido
como por encanto
toldava-me os sentidos
me seduzindo pro manguê
quando me amarrei num tronco
pra me livrar do feitiço
do sorrateiro mito
que rouba o sexto sentido
e descontrói o auto
do bumba-boi

e o torna em catilinárias,
por ser-me mulher anti-herói,
macunaímica sem nenhum caráter,
tartamuda, a falar por mímicas,
muda e a falar em línguas
tatuagendadas na linfa
universal e mínima
de palavras

e fiquei tênue
como uma teia
tão vulnerável
como uma abelha
sob o apêndice
da cascavel

O obscuro trapa-trapa
fez-me cair em prantos
de felicidade

Eis que a prisão
muda-se em trunfo
e a derrota
em triunfo
quando a exceção vira regra
e paradoxal é o predador
é o morto, o matador
o afogado, o salva-vidas
santo remédio, a ferida
no caminho da árvore da vida,
razão e princípio de tudo
dos começos e fins do mundo
sob a proteção de Priapo
sob o céu marítimo
de uma penélope
que ousou um périplo
transoceânico
no cérebro
sem sair de sua ilha
do crânio

Ah carícia hipnoidal
desse estranho deus noturno
camuflado e obscuro
que ilumina do escuro

Razão de santos e deuses,
solitário, para nós sermos
a chave do universo

Fim e princípio de tudo
portal do futuro
eterno recomeço
na mão que balança o berço
e massageia o ego
até embriagar o peito

como as frases da chuva
como as mensagens das mudas
como as palavras das unhas
como a parábola das uvas
que não estão maduras

esse púbis
de carne
e osso
esse poço
de murmúrios
esse horto
dos sussurros
esse cego
que dá luz
esse anônimo
e obscuro
deus do mundo

Esse deserto
que chove
esse demônio
que chora
esse deus
que se redime
quando devora
esse rei
que pede esmola
quando se enamora
surdo-mudo
e cego
razão e princípio
de tudo

esse beijo
no crepúsculo –
de água clara
no escuro
contudo
esse poço
de silêncios
e sussurros

Esse secreto e obscuro
deus noturno
que há milênios
gera gênios
mediúnicos
e essênios

esse santo
sem escrúpulo
esse assinalado
túmulo
sorvedouro de tumulto
esse tear do absurdo
essa mola de ciúmes,
disputas, mortes e crimes
esse caminho do útero
sacrário
do ovário
oráculo
priápico
e santuário
de menipos

esse inferno
legendário
por onde choro
e gargalho
é minha mãe
e meu pai

Chegados da viagem ao termo
Sol rumo ao sono
sombra sobre o Oceano
meu rosto eram labaredas
meu corpo era um formigueiro
o meu cérebro, uma fornalha
meu coração, uma brasa
nas mãos do oleiro

Estava fora de minh'alma
perdidinha da silva de vida
levada pela enchurrada
de milhões de expectativas

Gira gangorra das fases
da lua em seus misteriosos quartos
crescentes e minguantes
O gozo gere o contraste
e o demônio vira mártir
A roda da fortuna é vária
e inconstante como as fases
da lua

Fica alto o que era baixo
e o mendigo vira rei
acima de dogmas e leis
e o real vira piada,
a inocência, cascata
o culpado, um fantasma,
zumbi de Alkácer-Quibir

o sedutor, um vampir
A traição vira kibi
E o adultério não existido
uma ilusão do paraíso
perdido

Uma miragem, o par de chifres
do pescador em seus vinte
anos de ausência de cio
de Penélope em seu fastio
de coito, por conta do exílio
opostamente ao de Ulisses,
oportunista e patife,
em que a lenda fez de um dândi,
por suas proezas, um deus
bem sucedido e feliz
com ares de santo e monge
ao usar como barganha
o pretexto de artimanha
de comer quem lhe aproveitou
vivendo lambuguersado
nos mc'donalds do papa-mel

Um eloquente épico
que teve a sua Penélope
tecendo o destecendo,
em seu tear de vento e versos,
sua eterna paciência
por pretextos diversos,
caprichos, loucuras, pirraças,
martelando a consciência,
negando à má conselheira,
a indolência,
o seu trabalho de gênica

Mas eu deixei o código tolo
e embriaguei-me com o Touro,
El-Rei Dom Sebastião
que, não existido, existindo,
me fez livre dos vestidos
e me possuiu no chão

e por ele muitos outros
sentiram meu comichão,
em nome dele, bandidos
se saciaram do meu pão

Assim, por mil noites tive
do deus, canalha e patife,
o meu quinhão de doidice,
sem ninguém me chamar meretriz

e isto foi tudo o que eu quis
nesta vida sem raiz
ter o meu próprio nariz
a farejar qualquer prêmio

e quem quiser que se dane,
se suicide e envenene,
que preferi o repente
de embrenhar-me no mangue
driblando o mar tenebro
e negociar com a serpente,
seleccionando o meu pão
pelo viés do coração

O cheiro do mar me dá enjoo
Tenho alergia a canoa
e à claustrofobia da proa

Me liquefiz com a toada
me transferi do tear,
minha tumba particular,
para o leito nupcial
do cio
com meus muitos maridos

Plena de erotismo
e otimismo
sobre a vida
perdi o siso
pelo cinismo
e caí no abismo
do delírio
da libido

Em salto livre
tropecei
no arco-íris
livrando-me do abismo
da hipocrisia

Rebentei o cinto
de castidade
e dei ao meu marido
ausente de casa
demoroso na salga
por uma longa viagem
e por me fazer visagem
o prêmio
de um par de chifres

Achei-me grávida
enquanto Telêmaco
esfazia a viagem
pelo mar tenebro
longe de casa
entre arrecifes
e miragens
de um pai omissos
e salafatório

enquanto Ulisses
em nome de Homero
fazia visagem
nos arquipélagos
do poema
como tintureira
roendo os versos
do mundo métrico
revelando as imagens
pelo avesso
como no negativo do retrato
a essência

Escrevi minha odisseia
sem sair da terra
firme que é o lugar
do único e verdadeiro périplo
onde o verme se faz verbo e eterno
na perpetuação da espécie

Naquela noite
com aquele índio
pensei ouvir o canto
dos merovíngios

Bica
bica
bica
bica e rasga
o nariz
as têmporas
a garganta
os quadris
a raiz da língua
a nuca
o umbigo
a cintura
os rins
as entranhas
Bica
bica
e resga
Dobra ela
dobra as costelas dela
dobra as mãos dela sobre os rins

alberico carneiro

dobra as mão dela sobre os braços
dobra e redobra
e chorando e guinchando
bica e rebica
bica e rasga

Mais vale uma ave
na mão
que nenhuma voando
pela imensidão
do oceano
Foi por um homem
menos meu
que meu abdômen
se corrompeu

O meu marido
era um deus
e por amor à guerra
escafedeu-se

Tinha paixão
pelo desconhecido
ao apelo da miragem
ignorou Cupido

Dei-me a quem não existiu
existindo
e por esse mito viril
do instinto
joguei princípios
e príncipes
no lixo
do mar
sem fim
ou princípio
do esquecimento

Queimei suvenires e lenços
e preferi as bênçãos
do monte de Vênus

Joguei no rio
do esquecimento
a saudade do imbecil
que menosprezou os talentos
de meus quadris
pelas promessas do vento

Rasguei o véu
da ignorância
e sob o céu
aprendi a sabedoria
com fileira de crianças,
entranhas de minhas entranhas,
sangue do meu sangue
o plasma pra eternidade
sopros-carne de minh'alma
pedacinhos de Cupido
sob o véu da saudade
de muitos maridos
esquecida de Telêmaco,
de Ulisses Circe Calipso
da ilha Ogígia
e do martírio
da espera por um marido
atilado e malouvido
aventureiro e patife
e exausta da dor que avassala
a ilha em exílio

Joguei a falsa moral no penico
da Ilha Assombrada
e preferi o exílio
longe da salga

Saciado o ventre
saí da trilha do tempo
cronológico e o seu demo
longe do cabo das tormentas
e pelo fluxo e refluxo da memória
ingressei nesse monólogo
interior, como porta
de salvação, pelo amor

E descobri amiúde:
Vale a pena ficar viúva
de desmemoriado marujo
quando sexo é saúde
e urge

Assim foi que
as pedras joguei
no tabuleiro sem fundo
e ganhei
e ainda dei de lambujem

Desmemorializada
vivi intensamente
todas as etapas
de manhãs e madrugadas
vivi múltiplas idades
em minha idade

Usei da exaustão de todos os sentidos
até a saciedade
antes dos trinta
Vivi quase
no nada
a multiplicidade

e às aposentadilhadas
e malamadas
do coro das descontentes
deixo o troféu
do meu eu
que o gato comeu
depois que descobri ser tarde
para o saudosismo e a saudade
numa tenra e remota madrugada
ou numa terna e remota tarde
em que o sol tanto não arde

quem sabe se de sábados
sem AIDS e viagra
quem sabe se de sílabas
ditadas por sibilas
com a cumplicidade de vírgulas
pelo ócio comidas
quem sabe numa Ítaca
sem Ulisses e viagens
quem sabe, de uma Ilha
de providenciais náufragos
íntimos que salvam
quem sabe, de um Arquipélago
sem deuses e penélopes
quem sabe de outros cegos
não Melesígenes nem Thirésias
quem sabe se de Eros
na alquimia do zero
quem sabe numa Tebas
sem jocastas e édipos
sem o drama sempre eterno
entre Céu e Inferno
quando escrevi, eu, Mirarcângela,
na memória, que só é terno
eterno o que se ama
com lágrimas, suor e sangue
com que, escravo do meu coração,
lá escreveste o teu nome
e a história dos meus erros
por não ter começado mais cedo
por pensar que o Cabo do Medo
não era o da Boa Esperança

Descobri que o veneno do amor
é perene
e que o antídoto é o próprio casulo
onde o bico e a língua do pássaro beija-flor
penetra
e em pólen cria gênios e poetas
que nascem das pétalas
da rosa

e que no Universo
só o amor é eterno
e não me lembro mais de nada
só que numa certa madrugada
como um obscuro lotófago
acho que o fruto do lódão
desmemorializou-me a razão
e só, já não me senti órfã
solta no alegre divórcio
das maranhas do Maranhão

A melhor odisseia
acontece dentro dos corpos
em comunhão
Ocorre longe do mar oceânico
pois começa na turbulência do mar do crânio
no cérebro
onde as percepções flecham os corações
para que perdidos da razão fiquem cegos
os amantes
e como crianças percam a noção
de risco perigo e ilícito
remorso e juízo
e dancem à beira de abismos e precipícios
e paguem com prazer o prejuízo

Aprendi que o sexo é o melhor ópio
e sob a ação do amor os corpos
impedem o doloroso calvário de órfãos

Da libido e do orgasmo
vivemos o desregramento e a exaustão de todos os sentidos
até quedarmo-nos belos lânguidos lindos e lassos
e finalmente exaustos
diáfanos
em estado de graça
e em silêncio

em silêncio e em paz

SEXTA PARTE

CANÇÃO DO EXÍLIO DO
LOUCO DO CENTRO HISTÓRICO
DE SÃO LUÍS

1

não quero a terra das palmeiras

canto de sabiá não quero

não quero céu bordado de estrelas

várzeas tapetadas de flores não quero

não quero a ilha de são luís

paris não quero

não quero lá

nem quero cá

o lugar é mero acidente geográfico que não traz de volta o clima dos corpos

congeminações e congações nas graças dos gens

jungidos nos rejuntos dos rejeitos das juntas arrejuntados e arregimentados nos DNAs

memória sem as cicatrizes e chagas do corredor da morte do gulf stream do mar mediterrâneo

ao lugar territorial latifúndio improdutivo de mercado imobiliário

demarcado e tributável

| 136

prefiro o lugar da memória

o instantâneo instante do radar dos filtros do fluxo do amor

não quero íon

ítaca não quero

não quero ogígia

colofón não quero

não quero santa helena

a ilha de elba não quero

não quero creta

maiaú não quero

alberico carneiro

não quero a ilha de são luís

lutécia não quero

não quero cismar sozinho à noite

afinal que prazer há em suspirar sozinho

não quero ir a portugal

voltar ao maranhão não quero

o padre antônio vieira nos adverte que lá

um único peixe grande devora um milhão de pequenos

afora os 6,5 milhões de todo o estado que devora

e destes os 25,7% que deixa abaixo da linha de pobreza

em condições de engorda

de miséria extrema e absoluta

por isso voume embora voume embora

passageiro do acaso

à bordo do apa

137 |

no transbordo rumo à morte no grand condé

e desaparecer no oceano atlântico

à bordo do ville de boulogne

na croa dos ovos nos atins de cumã em guimarães

em voltar a cismar em são luís

prefiro ser devorado por vorazes tubarões do oceano

a ser comido em terra pelos tubarões do palácio dos leões

o corpo de um poeta de túmulo desconhecido no oceano

deve ser um banquete

para a nação dos peixes

pequenos

para que juntos possam devorar o grande peixe

e vomitá-lo onde não possa mais contaminar as águas do maranhão e do atlântico

55 dias de diário de bordo

é mais que uma estação no inferno
e o meu único ato tresloucado de escafandrista
foi o mergulho
entre os cortantes corais e arrecifes da ilha da mulher amada
aí encontrei meu mar mediterrâneo entre os escolhos
do meu turbilhão do estreito de messina
engolido pelo redemoinho e sorvedouro do monstro que tudo devora
esse naufrágio de abismos e precipícios entre caríbdis e cila
navegante da cerração sem sol de dia sem estrelas de noite
engolfado em escuridão negra e sem termo

quero quero o que mais quero

respirar o oxigênio do roseiral e do pomar
da ilha da mulher amada
a aromada de suas flores
o paladar de seus pomos
o âmbar e o almíscar de seus gomos
o gosto de suas reentranças
dos mais recônditos recôncavos
de pétalas cachos e conchas
onde cantam em silêncio
papoulas lótus e violetas

quero quero o que mais quero

ficar para sempre em terra firme
do arquipélago da ilha do mar negro
onde faço o meu périplo
sem o risco de tirar os meus pés da terra firme
não tenho vocação para ulisses
sou parco de conhecimentos sobre rotas marítimas
apaguei do arquivo do crânio os mapas de conhecimentos náuticos
a não ser que se trate dos meandros do mar subterrâneo da ilha da mulher amada
sou um peixe fora d'água

alberico carneiro

primores de terra nenhuma valem

os planaltos e as planícies do vale da ilha da mulher amada
que uma rua um beco uma travessa uma ruela uma esquina
uma ladeira uma escadaria só existem
quando alguém passa por lá e as vitrines e as coisas imóveis começam a brilhar e se iluminam
quando as órbitas dos olhos
da mulher amada
Ihes acende o arco-íris

não permita deus que eu morra

sem que volte para a floresta encantada
e para o roseiral e o pomar da ilha da mulher amada
pois só derramarei meus lamentos
nas mudas asas do diafragma
de rosa silvestre bela adormecida
que me manda pelo vento
de paragens distantes
pelo pombo correio das correspondências

139 |

os filtros do amor

que não vêm via internet

nem por email ou twitter
nem por google ou facebook
que podem filmar fotografar imprimir o roseiral e o pomar
mas não podem editar paladares e aromas
ao beija-flor cabe o dom de cultivar a aromada
no roseiral da ilha da mulher amada

máquinas não captam aromas

só as antenas dos sentidos percebem os filtros
que os radares dos neurônios capturam
e põem em sintonia os amantes
que separados por continentes e oceanos
se dão as mãos
navegantes mais velozes que a luz e o som

se os becos de são luís
e suas estreitas ruelas
se suas praças e avenidas
soturnas esquinas e órfãs travessas
se as ladeiras e escadarias
ainda reclamam pelos restos mortais
do imortal poeta
e soluçam pelas artérias
de ruas imundas e ruelas baldias
onde não se perde o plasma do bardo
no curso de sua odisseia
se aqui se enterram os sonhos
dos poetas como se doenças venéreas
mal nascem a metrópole lhes oferece
um passeio pela cidade de bonde
perdidos da aeronave da poesia
e a passos de cágado trocam
por um gole de cachaça
diversão e distração
renunciam à identidade
e optam pela toada
indo na contramão
da história
comidos pelo dragão da lábia
de 90% de propaganda
e 10% de nada

e enquanto o sul vai de boeing
o maranhão vai de cágado
no último passeio do ontem
pelos túmulos dos ratos

devagar se vai ao longe
é uma estúpida piada
na história de grão em grão
a galinha enche o saco
se gonçaves dias foi de transatlântico
fazer na europa estardalhaço
nós em pleno século XXI
ainda morremos afogados de barco

onde gorjearam sabiás
bem-te-vis e uirapurus
rouxinóis e cotovias
hoje só se ouvem os pios
de assustadas pipiras
ou de pobres pardais
e ariscos pintassilgos
afora isso há um monótono
monólogo solo de cigarras e grilos
que nesta terra timbira
do topo das palmeiras
cantam urubus de oitiva
profetas de plantão
sob colarinhos brancos
declamam a canção do exílio

2

meu nome é gonçaves dias autor da canção do exílio moro nas ruas como nas ruas durmo nas ruas bebo nas ruas ladeiras e escadarias da ilha de são luís mas não vivo na ilha de são luís só moro porque viver é coisa de memória do que no corpo é invisível de quem no corpo habita e se abisma não ocupa lugar em espaço geográfico não tem massa corporal não tem tamanho de um só milímetro nem depende das unidades de tempo e para mim morar é uma coisa como relação física com o lugar criar vínculo e dependência de identidade cartorial ser tributável e mortal e quanto a viver confesso que nunca vivi aqui porque viver é identificarse com a parte intangível do lugar é ter cumplicidade com as sobras e sombras das coisas que giram nele e acontecem invisíveis e intransferíveis desencarnei nos atins na croa dos ovos de guimarães procuro a musa de minha ilha o nome dela é ana amélia mas talvez seja ovário ou útero acho que procuro a mulher a mãe que deixei em algum lugar e para a qual retorno sou telêmaco e às vezes também ulisses ao mesmo tempo pois viajo no sentido da maternidade acho que procuro vizença de quem fui arrancado em caxias para empreender esta outra viagem que são muitos os fios da viagem da vida para um órfão de mãe viva e de mãos vazias como uma agá no deserto secos os seios cortadas as veias para doer nos lábios do filho procuro também o pai que também do escuro me procura e me busca de sua escuridão de dentro de sua noite negra sem termo de dentro daquele silêncio absurdo perpétuo e absoluto talvez a viagem à ilha de ana amélia tenha me amolecido os neurônios e me deixado de miolo mole quando encontrá-la dormirei no céu

| 144

o louco sonho
atravessou uma artéria de rua
e se dissolveu como
um raio de luz
de debussy

145 | onde vivo não há terra nem palmeiras nem pássaros não há céu estrelado moro no deserto da ilha da mulher amada aqui não há canto senão o do silêncio da floresta do roseiral e do pomar da ilha da mulher amada e a escuridão da grande noite negra do caminho dantesco para o céu do meio do caminho desta vida lá onde há a pedra do meio do caminho a pedra do meio do caminho desta vida bom não buscar nenhum desvio esta é a única parte boa da vida a da pedra no meio do caminho e a tabuleta de advertência não desviar não ultrapassar não arrodar não atalhar melhor carregar a pedra montanha acima e abaixo com o tempo os calos darão a sensação de coisa leve e já incluída a pedra não será senão a extensão do próprio corpo e do sopro durante o percurso ininterrupto o abutre vai roer vai devorar os rins o fígado assim a pedra ao fim e ao cabo é só uma questão de troca de peso durante o percurso da outra parte do caminho que começa depois da topada na pedra do meio do caminho é bom que carregues a pedra praticando a arte da toupeira cavando por baixo da pedra entrando por baixo dela e nela para que com ela te ergas e te eleves do inferno até o céu porque ninguém se salva sem antes passar como gonçalves dias pelo fogo sem a pedra no meio do caminho eliminase o meio do caminho foi mastigando a pedra do meio do caminho que demóstenes pôde percorrer com boa fala o resto do caminho mastigando outras pedras pedra é só um pretexto para que entendas o que é o miolo e por esperteza simbolicamente te mates no meio do caminho pois é preciso morrer pela pedrada e renascer um homem louco não evita o nocaute carrega a pedra até o alto da montanha e erguea até o topo para que nela sejam forjadas a fogo as letras pelas mãos do almofariz feitas de bronze chama o abutre e oferece teus rins e fígado a ele e depois despenca como uma fruta que foi picada pelo abutre terás lucrado dandolhe o veneno em troca da pedra mais leve ao final vais sair do labirinto da pedra e voar sem ter vertigens de alturas com asas de seda amacia o paralelepípedo e verás nele um pombo com asas de libélula ou borboleta

eis que chega a via do exercício para domar a pedra como se doma uma coisa ríspida uma corsa arisca uma leoa em cio o corpo liquefeito em ponte em arco para furar a pedra para amolecer a pedra de ferro em floresta acaricai a pedra com a paciência de índio até que ela se derreta se eu nela batesse com um martelo se espatifaria mas com as carícias ela virou uma assombração de meio de floresta como um bicho folharal porque a água amolece a pedra dura

no deserto da ilha da mulher amada não há pássaros nem palmeiras lá não há canto senão o do silêncio da ilha da mulher amada a escuridão da grande noite negra do meio do caminho desta vida e a pedra do meio do caminho que viagem de longo curso em transatlântico é turismo perigoso para um bardo que já ama outros mares e conhece outros naufrágios em marés da ilha da mulher amada

quero quero o que mais quero a música dos músculos da mulher amada a música do corpo da mulher amada a mensagem dos movimentos das curvas do corpo da mulher amada o movimento e a melodia das mãos e dos lábios da boca e dos olhos dos órgãos e dos ossos da mulher amada quero o discurso eloquente do silêncio do corpo da mulher amada o discurso das íris das meninas dos olhos da mulher amada o discurso do amor que teima em exhibirse nas órbitas dos olhos nos globos da morte da mulher amada quero o discurso das pálpebras como o discurso da flor no roseiral como o discurso do silêncio do roseiral como o canto silencioso da fruta no pomar se tece em silêncio no tecido na teia do veludo da fruta arabesco na pele mortal da maçã quero a ilha mediterrânea exuberante e negra papoula flor rosa oceânica como a flor de lótus e seu mortal ópio ou morder a maçã envenenada pela bruxa da moral e despertar rosa silvestre bela adormecida e vê-la vívida no esplendor do roseiral e do pomar em precipício e em abismo

acorda poeta de outro mar te embriaga a cachaça é outra o vinho não é este a ilha é outra estás na ilha errada são luís não é tua praia tem dono sai fora te manda escapa de ilha demarcada e tombada patrimônio cultural da humanidade não tens que curtir para toda a eternidade a ressaca do mar

3

1837

sou um homem bem baixinho de 1,50 de altura e afora isso tenho todos os sonhos do mundo pois a outra parte que me habita não ocupa lugar no espaço estamos em 1837 e tenho apenas 14 anos de idade e a bordo de um navio vou com meu pai a portugal ele é joão manuel gonçalves dias aquele que me deu o seu próprio nome porque deveras me ama assim como ama vicensa minha mãe está gravemente doente e eu o acompanho em sua agonia em viagem de navio que durará cerca de quarenta dias estamos indo em direção de sua pátria e de sua morte velório e funeral ninguém está pronto para ficar órfão mas será nesta primeira visita a coimbra que viverei essa experiência de desenlace entre pai e filho receberei de corpo presente esse punhal fatal no peito eu negro índio e português eu tantas vezes mestiço na voz do povo em época de apogeu e liberdade da escravidão negra agora depois do choque sobre o leito mortuário daquele que sendo branco nunca teve preconceito racial então volto para duas viúvas em caxias do maranhão e as almas de ambas não têm nenhuma cor para mim volto para a esposa legítima e para minha mãe de sangue e alma uma lavadeira mestiça de negro e índio a amante mas sua alma quando a olho não tem raça não tem cor é uma alma como a de todo mundo cujo corpo em que habita cujo hospedeiro em que mora e em que se move se inspira canta delira e conspira faz amor se espanta e se abisma vai morrer depois de haver hospedado a amada imortal de meu pai naquela parte do ser tão belamente bonita meio negra e meio índia que não por acaso é por sua causa que o município de caxias e o sítio da boa vista são lugares especiais no mapa do brasil porque foi lá que mãe vicensa negra índia e mestiça deu a luz no dia dez de agosto de 1823 ao poeta gonçalves dias no povoado de boa vista da fazenda jatobá e esse poeta sou eu

naquela época uma viagem transoceânica era uma odisseia sem ficção um dia só se multiplicava em vários dias porque o silêncio sepulcral que se instalava na vastidão do mar por causa da calma ampliava a solidão de paragens soturnas e inóspitas onde se via só mar e céu como se diz ali o homem estava às sós com deus ali estava nas mãos de deus mas podia ali também em verdade se encontrar com o diabo não da mesma maneira que o capitão ahab se encontrou com moby dick porque no caso do cidadão e poeta gonçalves dias não se

trata de ficção como a de lobo larsen e ulisses se trata sim de viagens de idas e de retornos de um odisseu de pele e osso que não esteve na ilha ogígia nem passou sete anos com a encantadora de homens em porcos como a bela deusa calipso protagonista de um mundo maravilhoso e mítico esteve de fato em são luís e daqui empreendeu viajar várias vezes pelo oceano atlântico e cruzou as correntes do gulf stream até se encontrar com a morte onde lhe esperou seu destino onde cloto átropos e láquesis manipulam o fio

alberico carneiro

4

1838/

volto a portugal
para estudar
sabendo já
que o mundo dá
muitas voltas
para ao final
parar no mesmo lugar
o desconhecido me espera lá
aquele que serei sem o saber
está lá me esperando
para se moldar em mim
e transformar o anão
numa espécie de super-homem
de nuremberg ou do maranhão
que cada um mais cedo ou tarde
tem sua cota ou seu quinhão
de sonho e solidão

aos 7 anos de idade
me especializei em caligrafia
grossa palmatória
foi a segunda verdade
de minha vida

mas valem os calos
mais que a mão fina
quando o pau-d'arco
ao fogo ensina
o valor de suas resinas

aos treze anos
estudei latim e aritmética
em são luís
quanto ao mais
de erudição
esqueci a pose de pavão
e estudei em silêncio
francês espanhol
italiano alemão grego
e filosofia
e estava completo
aos vinte e um anos
para a publicação
dos primeiros cantos

o mais até 28 anos
produzi minhas obras completas
e entre os 30 e os 41
até a hora derradeira
foram labuta canseiras
por portugal alemanha
frança itália bruxelas
na béglica e o frio da prússia
e mais viagens viagens

alberico carneiro

pelo norte do brasil
no ceará e em pernambuco
pela amazônia
vivendo vida de maluco
perseguido por malária
e tudo quanto é sorte de doença
tropical de mosquitos
reais e humanos

de sorte que morro
em 1864 no corpo
é nesse ano fatídico
que faço
duas trágicas viagens
uma de ida ao avre
no navio grand condé
em busca de cura
para o mal
de saúde
minada
por miasmas
que enfrenta 55 dias
ininterruptos de viagem
pelos mares sem fim
do mundo oceânico

sob o convés do grand condé
escrevi um diário de bordo
que é minha obra-prima
com a qual teria ganho
o prêmio nobel de vida
conferido ao primeiro poeta
que viveu uma estação no inferno
um moribundo que soube em viagem
ensinar a arte de aprender a morrer sorrindo
um poeta que soube escrever
sobre o progressivo processo
de sua própria morte
como quem fotografasse
alguém que filmasse
morrendo a própria morte

5

gonçalves dias acorda se vais a paris retorna ana amélia não está lá doem os tempos de coimbra e lisboa de itália espanha alemanha béglica e prússia e odisseias em outros navios e trens o apa o grand condé e o ville de boulogne são armadilhas meu bardo a viagem por qualquer oceano atlântico pacífico ou índico é o mesmo trampo do tempo cloto átropos eláqueses voam a favor do vento

gonçalves dias acorda estás no século XXI e amanhã talvez quem sabe esquece a construção dessa frase hoje que o amanhã meu poeta era uma vez e já é tarde para o saudosismo e a saudade do futuro do pretérito lá no futuro a terra terá te comido as vísceras e é loucura o jejum e abstinência a paixão não tem consciência amanhã a vida míngua não tem mais testosterona e precisas apressar a transferêcia do DNA

153 |

ela casou com um outro que não fazia poemas com palavras manuscritas mas fazia poesia com outra arma mais precisa chamada lábria como quem tem o faro de que a poesia pode ser de carne viva músculos nervos tendões e vasos sanguíneos e a carne pode ser o poema mais completo quando em tremores de espasmos após o desregramento e exaustão de todos os sentidos e os corpos congeminados e congiraçados nas graças até se aquietarem belos lânguidos lindos e lassos e finalmente exaustos diáfanos em estado de graça e em silêncio

em silêncio

e

em paz

ele não fez um só verso para ela com palavras mas na falta para o bom entendedor meia palavra basta e o que não tem nem métrica nem sintaxe esse menos poético do raio de luar sobre o oceano é o que se leva da existência breve que pode ser até a merda do banal que conforme as circunstâncias faz de um crápula um deus e aquece a viuvez de uma penélope brasileira cansada de esperar o navegante de mar abissal

gonçaves dias acorda que a vida é curda meu bardo que a morte é velha grande vate e tem
apetite voraz e o que são quarenta e um anos para quem morre com fome come come
come come o que te come mata a tua fome mata a mútua fome come o que só
quando comido é que come o que enquanto comido é que come come como o carcará
come come como o canibal come como o merovíngio come como o antropófago come
e predador tornado presa devora o que te devora e só então no cárcere da solitária da
prisão perpétua da maldita felicidade morre em silêncio e em paz que o amanhã meu poeta
que o amanhã querido bardo que amanhã meu pobre vate não é dia de ninguém nem mesmo
de shakespeare

se você me permite reler o carpe diem
a vida é hoje

aqui e agora

agora ou nunca

o tempo foge

o orgasmo urge

mais uma cópula

e a garra adunca

o momento breve

é terno

o amor conduzindo o eterno

por entre as pétalas

para dentro do céu

esquece o poema de letras investe no poema de carne e osso antes da morte física e do fosso
antes da primeira galinha e do último osso oferecido ao cachorro da vida antes do primeiro
charuto cubano antes da primeira taça de vinho bordeaux antes da hora e a vez do fumo
caporal esquece a poesia do poema em palavras mar de desespero e desassossego é uma
pedra no meio do caminho de sísifo tormento tortura montanha acima e abaixo hora do
abutre devorar os rins e o fígado

esquece a erudição e a sabedoria esquece o tratado de metrificação e versificação esquece as
rimas e o latim esquece o grego dos helenos esquece a ciência do poema esquece versos e
métrica te desintoxica disso desintegra a sintaxe desaprende emburra te salva e escapa
do prolixo meu poeta

esquece as viagens se possível todas do maranhão a portugal do ceará a paris cancela o sonho transoceânico troca a sedução do mediterrâneo pela sedução do mar da ilha de ana amélia e aí então meu poeta estarás com os pés no chão e em terra chã não és homero e não tens vocação para ulisses não podes ir à ilha ogígia não só pelo perigo de tornar encantado em porco é que não poderás passar sete anos com a rainha calipso muda de planos a penélope daqui não espera seque pela desculpa dos maus ventos e vinte anos de ausência perdido em oceano de um polo a outro impelido nas surdas asas do vento

não queiras paris jamaica não queiras não queiras são luís paramaribo não queiras não queiras a ilha de derek walcott não queiras os arquipélagos da indonésia a ilha de james joyce não queiras

155 | diga quero quero o que mais quero a ilha da mulher amada num beco ou esquina travessa ou ruína numa ruela baldia escadaria ou ladeira sem saída tipo catarina mina desterro beco do precipício do portinho ou madre deus não quero terras ignotas não quero aprender a rota das gaivotas nem o caminho das pedras não quero céu bordado de estrelas várzeas coloridas arco-íris quero a paz a desolação e o exílio da flor de lótus e seu mortal ópio

não faz diferença céu azul sobre uma ilha que vai passar como tudo que não retorna vai passar pela limpeza dos cupins e traças pela purificação do fungo do mofo do lodo e do fogo e pela cobertura das teias de aranhas comendo as casuarinas de beirais de telhados cancerosos tempos em que cloto láquesis e átropos fiam e desfiam seus fios e tudo voltando ao pó poeira de menos só a memória assiste em silêncio o trabalho silencioso dos pêndulos

a ilha que queres e amas não se circunscreve a oceanos como malvinas ou mil e uma ilhas da tailândia é só uma ilha poética uma simples ilha profética com seu particular oceano rio e reino submersos sua chuva e seu dilúvio subterrâneos que quando transborda e se inunda revela o reino e a glória do mundo afogando pelas bordas e margens a floresta que a circunda com sua coroa de folhas com sua cabeleira de folhagens de mangue incendiado bicho folharal

6

no beco da amargura conheci a ilha na dos prazeres descobri a ilha na do passeio fundei a ilha na do alecrim inaugurei a ilha na silva jardim na rua da paz me apaixonei pela ilha na rua do sol na dos afogados amei a ilha na travessa da passagem no beco catarina mina na rampa campos melo nas ladeiras e escadarias namorei a ilha no beco do precipício no largo dos amores seduzi a ilha no beco da força velha no beco da pacotilha no beco do quebra bunda requestei a ilha na rua dos navios ou no pelourinho da praça da alegria acariciei a ilha na ponte bandeira tribuzi na ponte de são francisco na barragem do bacanga e sobre o rio anil me apaixonei pela ilha na avenida litorânea no cais da sagração na ponte da estiva no maracanã no tibiri no porto do itaqui em perizes me embriaguei da ilha da overdose do ópio do maravilhoso vinho

na rua das flores senti o perfume o aroma de mar da ilha na rua formosa guardei a beleza da

ilha no cine éden no roxy no passeio filmei a ilha onde me perdi descobrindo fundando e inaugurando a ilha encoberta a ilha escondida a ilha deserta me apaixonei pelo exílio na ilha pela clausura da ilha reclusa em solitária de cárcere de recôncavo camuflada e enlouqueci pela ilha e morri por causa da ilha fiz o velório e funeral de mim por causa da ilha e nasci de mim um homem novo e louco em que me ressuscito

uma mentira repetida várias vezes uma mentira repetida várias vezes uma mentira uma mentira uma mentira a ilha de são luís é uma mentira de verdade eu só conheço a minha ilha a ilha de são luís é uma mentira sim a ilha virtual das imagens em miragens mirabolantes é mentira

neste fim de mundo enfim enlouqueci também quem poderia sobreviver aqui sem ser louco agora então sou feliz como todo louco é feliz e sorri de tudo e à toa o são de mim morreu teriam de matá-lo por força de ser uma exceção à regra na tribo como não poderia ser odiado ser honesto num lugar de santos com biografias liturgias e autobiografias que clamam por beatificação e canonização

breve perfil de gonçaves dias
por antônio henriques leal

[...]

1855

Depois de ter percorrido a Bélgica, a Inglaterra, a Itália, a Suíça e diferentes estados da Confederação Germânica, a fim de examinar países onde a instrução pública está tão adiantada, quais os sistemas mais convenháveis a dotar-se na nossa pátria, tornou-se a Lisboa, onde entregou-se a investigações de documentos históricos na Torre do Tombo e nas bibliotecas nacionais de Évora e de Lisboa, mandando extrair cópias de tudo quanto lhe pareceu de proveitoso para a nossa história, [...]

1858

[...]

Estava ainda ocupado com os encargos relativos à instrução pública, quando o encarregaram, em 1858, de nova comissão, nomeando-o nosso governo chefe da seção etnográfica da Expedição Científica que havia sido criada no desígnio de estudar as riquezas naturais das províncias do norte do Brasil. Na intenção de corresponder de todo ponto à escolha, dedicou-se com inexcedível ardor a estudar craniologia; galvanoplastia para modelar os pés e mãos dos indígenas; fotografia para retratar alguns espécimes e paisagens; química, física e fisiologia. Pelas noções, que tinha desses ramos, achou-se dentro de poucos meses, suficientemente habilitado para o bom desempenho da expedição. Partiu no fim desse ano (1858) para o Rio de Janeiro a fim de reunir-se a seus companheiros.

1861

[...] Abandonando de repente as margens do Amazonas, passou em meado de novembro desse ano pelo Maranhão, onde se não demorou. Estava triste, desconcertado, taciturno, visivelmente contrariado e por vezes como que alucinado. Prometia estar de volta em princípios de janeiro do seguinte ano; mas chegado ao Rio de Janeiro a 8 de dezembro, comunicou-me que teria de demorar-se ali até a conclusão de seu relatório, porque assim era forçoso; mas que, apesar de sentir-se bastante doente, trabalharia dia e noite, contanto que o concluísse com a máxima brevidade.

Ou fosse das privações que sofreu nas viagens pelos rios da província do Amazonas, ou a prolongada exposição ao sol, às chuvas e toda a espécie de intempéries, e os efeitos da intoxicação lenta dos miasmas palustres que emanam dessa rede de rios que cobre o vale do Amazonas, ou os desgostos e contrariedades que o assediaram no Rio de Janeiro, ou por todas essas causas juntas, como é mais seguro de crer, poucos dias depois de sua chegada, escreveu-me que estava com febre e sentindo-se do fígado.

| 158

1862

De Cartas de Gonçalves Dias

5 de fevereiro

“os meus incômodos, porque sabes ou ficarás sabendo que estou um poço de moléstias – do fígado, dos rins e do coração, de uma, de duas e de três cousas. O que Deus quiser, e seria muito bom que ele o quisesse para muito cedo.”

23 de março

“Estou, segundo dizem os médicos, com uma inflamação crônica do fígado, uma lesão incipiente do coração, pernas inchadas em consequência do fígado, donde pode resultar uma anasarca, e a voz rouca e presa, em consequência de desordem dos pulmões que se desordenam com a desordem do supradito fígado.

Apesar desse almanaque de cousas ruins, não te dê isso cuidado. Deus me deu vida para cem anos, e a prova é que desde os quinze anos a esbanjo tola, estúpida e insipidamente, como faz de sua fortuna mal adquirida o herdeiro de casa milionária. [...] Eu bem sei que tenho dentro em mim melhor veneno que as drogas que se vendem nas boticas!

7 de abril

Havendo por fim concluído o relatório que o retinha no Rio de Janeiro, partiu a 07 de abril (1862) no Apa com destino ao Maranhão; mas já estava a doença muito adiantada, todo edemaciado, sofrendo fortes palpitações do coração, rouco e com tosse. Visitado em Pernambuco pelo Sr. Dr. Sarmiento, prescreveu-lhe este peremptoriamente que se embarcasse quanto antes para fora do Brasil, se tinha ainda algum apego à existência.

Impressionou-o tanto o parecer do abalizado médico que procurou partir sem mais detença para a Europa. Não foi sem muito custo que pessoas qualificadas do Recife conseguiram [...] obter-lhe passagem no brigue francês Grand Condé, que estava prestes a sair; mas cujo dono, M. Teste, recusava-se a admiti-lo como passageiro, por julgar que não deitaria a viagem com vida, obrigando talvez o navio à quarentena e a despesas desnecessárias em Marselha, como também por não lhe convir meter mantimentos para um único passageiro. Removidas estas dificuldades com declaração do médico, e por haver-se sujeitado Gonçalves Dias a fazer matalotagem a sua custa, de bordo do Apa, de onde me escreveu dando conta de tudo isso e dispondo dalguns objetos, como quem conhecia próxima a sua hora, passou-se ele para o brigue que já no dia imediato navegava.

Por esta relação escrita dia a dia, às vezes, hora por hora, e que remeteu-me Gonçalves Dias pouco depois de chegar a Paris, conhecerá o leitor o estado e marcha de sua moléstia e mais ocorrências que se deram em sua viagem, desde que saiu do Rio de Janeiro até chegar a Marselha.

diário de bordo
gonçalves dias

1862

“Saída do Apa – 7 de abril.

[...]

“Embarco no dia 18 de abril, às 2 horas da tarde, Sexta-feira Santa, depois de arranjos de passagem, de medicamentos e do farnel de boca, e de vencer as dificuldades do dono do Grand Condé, que a instâncias de amigos deixa-me embarcar no seu brigue no estado perigoso em que me achava.

“Dia 20. Partimos às 6 horas da manhã, levamos todo o dia navegando à vista da terra. Tenho mais apetite, mais sono, mas a inchação cresce. As partes inferiores muito inchadas.

“Dia 22. Alevantei-me às 2 horas da manhã, adormeci ao relento, retiro-me às três para o meu camarote: amanheço com os olhos e rosto inchados. Devo ter 23 galinhas ou frangos. Leio Górgias e Ariosto.

“Dia 23 à noite. Ponho eu mesmo um cáustico, porque os testículos me vão crescendo demasiadamente. Às cinco da manhã, sem ter pregado olho toda a noite, e levando-a sentado, como passo há cerca de quinze dias, não pude mais tolerar o cáustico, e eu mesmo levantei-o. Ficou fresco; todavia supurou muito.

“Dia 25. Continua a calma: o meu cáustico supura pouco, porque não tive coragem de o limpar bem. Amanheci com a face e o olho esquerdo inchado, mas essa inchação desapareceu com o dia – aí pelas 11 horas já não tinha traços disso.

“Dia 26 – sábado. O meu cáustico fez-me um mal horrível; tomo três pílulas de calomelanos. As películas de cáustico vêm agarradas ao unguento de basilicão. Ponho novo: depois de três horas de horríveis sofrimentos, tiro-o e ponho azeite doce, em falta de unguento branco. O rosto (face esquerda) amanhece inchado; mas a inchação torna a desaparecer durante o dia (10 da manhã).

“Dia 27 de abril – domingo. Por volta de uma hora cai-nos um vento, que foi refrescando até as seis da tarde.

Os meus membros inferiores continuam a crescer.

“Dia 28 – segunda-feira. [...] Dou balanço à minha capoeira – tenho só 20 galinhas.

Pescamos dois peixes até as 10 horas da manhã. Faltam-me dois cantos para concluir o Orlando, cujos paladinos me andaram apoquentando a noite passada.

161 | “Dia 29. Os meus incômodos aumentam, bem que eu esteja persuadido que a ter ficado em terra, eles teriam progredido muito mais rapidamente.

Há dois dias que ando com toda a parte inferior do corpo envolvida em uma coberta, por não ter calças em que caibam os meus testículos, nem mesmo as de enfiar, que há cinco dias comprei ao moço de bordo. Calma e chuva.

“Dia 30. [...] Estando um pouco pior dos testículos pus emplasto de Vigo sobre o cáustico. [...]

“Dia 1 de maio. [...] Os testículos vão a mais a ponto de não me deixarem hoje sentar.

O membro incha e recurva-se cada vez mais. Estou vendo que dentro de dois ou três dias cessará de todo a diurese. Um pigarro incômodo se faz ouvir, quando respiro. Quase me está parecendo que o Dr. Sarmento tinha razão! ...

“Dia 2 de maio. [...] Adoeceram-nos dois marujos ontem: um não quer tomar remédio. Suponho que se vai. Eu que embarquei meio morto, espero em Deus que hei de chegar a Marselha.

“Dia 3. Tomei hoje dez pílulas de Halloway. Morreu o marujo que se expôs imprudentemente ao tempo, sofrendo de uma cólica. Coitado!

Restam-me só 14 galinhas!

Desde o dia 2, quando propriamente começamos a navegar com vento de feição, que meu estado de saúde tem melhorado consideravelmente. De dia para dia, as melhoras são visíveis. A inchação das pernas e mais partes inferiores desvaneceu-se.

Nos pés ainda resta alguma cousa; mas depois que desapareceu a inchação, vejo-me em tal estado de magreza, que isso me explica a grande debilidade em que me acho.

As calmas reinam na linha e se estendem até 3 e 5 graus além dela, para o norte.

Aos 28 graus NO. É a junção dos ventos gerais (alisados) e dos variáveis.

Dos Açores a Marselha tem-se ido em quinze dias. No mais, durante o inverno, faz-se a viagem de Pernambuco a Marselha em menos de quarenta. Durante o inverno, dizem, porque nessa quadra se encontram com freqüência, na região dos ventos variáveis, grandes e duradouras ventanias do oeste, que ainda são excelentes no Mediterrâneo.

Aos 16 graus, neste tempo, e no mar, já as quatro horas da manhã se pode chamar dia. De noite, sobretudo depois das doze horas, a temperatura é tal e o ar tão frio, que se carece de andar vestido como na Europa no tempo de inverno. Por isso é que as minhas panturrilhas têm desertado.

“Hoje, 5ª feira, 8, vou-me ao bacalhau para festejar a minha convalescença, e às pílulas de Halloway. Ou elas ou o uso frequente de chá me tem feito urinar como um desesperado de hora em hora, dia e noite, dois grandes vasos em vinte e quatro horas.

“Dia 9 – sexta-feira. O vento amainou um pouco, depois das nove horas da manhã. Devemos ter passado 20 graus norte.

Vou melhor, ou antes continuam as melhoras. A goiabada tem destruído todo o efeito dos purgantes. É preciso ter cautela com ela.

“Dia 10 – sábado. Vento fraco, mas ainda se pode calcular em 5 milhas a marcha do Grand Condé. Com o balanço, as garrafas de limonada gasosa têm em grande parte estourado. Hoje bebi a última, antes que também estourasse.

Pelas três horas da tarde avistamos por barlavento uma galeota-brigue que nos fazia sinal de socorro. [...] Era um brigue norte-americano que há 90 dias justos partira de Santos pra a ilha de Cabo Verde; Robert Sirrat, ou Srah se chamava. De Santos à altura em que o encontramos, se pode vir bem em 25 dias, este com mais razão, porque os navios chegados ultimamente a Pernambuco, em proveniência do Rio, trouxeram todos excelente viagem. [...]

163 | “Dia 12 de maio. O vento continua, posto que fraco, as minhas melhoras também, posto que lentas. Durmo melhor, aí umas oito horas.

As minhas galinhas deram em se fazer guerra umas às outras, dentro da capoeira. Caíram todas em cima de uma coitada, espicçaram-lhe o rabo, donde lhe resultou a morte. Se continuam, mando cortar o pescoço a todas, e conservá-las de sal, como se faz com as marrecas no nosso Maranhão.

Dando o balanço na capoeira, o Mousse trouxe-me a infausta notícia de que existiam onze, incluindo dois franganitos de nonada. Com o oportuno auxílio do bacalhau e uma péssima carne seca do Rio Grande, que me compraram em Pernambuco para o meu farnel, espero em Deus que não morrerei de fome até Marselha. Em caso de dúvida há aí tapioca a ufa.

“Dia 13. [...] Abro a segunda caixa de vinho Bordeaux. A primeira tinha uma garrafa quebrada.

Não sei se mencionei que a coisa de três dias foi-se a última botija de limonada gasosa. A água mineral parece, porém, que com o frio vai tomando mais força.

O meu café estragou-se. Vinha embrulhado em papel e tão mau preparado que não era de supor que durasse muito. Não tomei dele nenhuma chávena e, assim, foi-me preciso dá-lo, antes que de todo se acabasse de estragar.

Um cento de charuto do Rio teve o mesmo destino. Também não me é possível tolerar o charuto, com o hábito que vou tomando do cigarro com o fumo caporal. Miséria! Até fumo importamos da França e dos Estados Unidos! Deste Brasil se pode com igual razão dizer o mesmo que disse Byron da Turquia: "Tudo nessa terra é divino, exceto o homem que a habita!" e principalmente aqueles que a governam. Isto é meu! [...]

"Dia 23. [...] Infelizmente contei com uma viagem de quarenta dias, o que quer dizer que aos cinqüenta estarei comendo, pelo amor de Deus, se houver o quê. [...]

"Dia 24 – sábado. [...] Continuo a emagrecer. Mas a barriga, os testículos e joanetes não querem ceder de todo. As palpitações continuam também, não muito incômodas, mas continuam. A tossezinha vai e vem. Nos primeiros dias quase havia desaparecido. Como eu tomava então xarope de Labelonge, e a digitális é aconselhada para essas afecções, atribuo a cessação da tosse ao uso desse medicamento. Tendo uns papelitos de digitális, entendi que devia tomar três por dia; mas com um à noite e outro pela manhã, veio-me uma soltura, acompanhada de cólicas e suores frios. Enfim cheguei a desconfiar! ... Agora só tomo um papelito.

"Dia 25 de maio. Avistamos pela manhã a ilha de Faial, quando com o crescer do sol se foi desfazendo a neblina. O vento era fraco. Anoitecemos ainda com ela à vista. [...]

O Faial tem um aspecto vulcânico; mas tudo quanto se vê está cultivado, ao menos distingue-se a divisão das terras em pequenas propriedades, como nas províncias mais cultivadas de Portugal. Aquela gente, encarapitada no cimo da sua ilha, no meio do oceano, sem medo dos escândalos, nem das más línguas, sem se importar muito com a moral, se porventura conhecem

alberico carneiro

os seus princípios, não se ocupam seriamente senão de fazer filhos. Dos 13 em diante, tudo que é fêmea entra na vida, sob a proteção do teto paterno. Daí por diante, a que deixa de ter um filho cada ano, enquanto se conserva em serviço efetivo, é declarada anátema pelo cura.

“Dia 26 – segunda-feira. Vento quase bonança e pouco de feição. Só tenho 5 galinhas, o que é uma miséria!

Por volta do meio dia nos achamos em frente da Graciosa, que deixamos à direita, e avistamos, ainda que um pouco encoberta pela neblina, a cidade de Santa Cruz, capital da ilha. Por trás dela nos devia ficar a ilha de São Jorge, mas um pouco mais para oeste. Esta ilha tem 12 a 15 léguas de comprimento, sobre 1 a 1 e meia de largo. É uma linguíça oceânica. Quase em frente nos deveria ficar a Terceira. Todas elas têm gente como formigas, prova de que os seus habitantes não se descuidam das vinhas do Senhor.

“1º. de junho. [...] Ontem e hoje temos encontrado muitos navios. Hoje, e é apenas meio-dia, já vimos uns dez – entre eles – dois portugueses. Já tenho só três galinhas!

165 | “Dia 2 de junho. À meia-noite de anteontem passamos, ao largo, pelo cabo de São Vicente.

“Dia 3 - terça-feira. Chegamos à meia-noite à entrada do estreito; mas não havendo o capitão encontrado à venda em Bordeaux um plano do estreito, não tendo nunca passado por ele, foi-lhe preciso esperar pelo dia.

Começamos a navegar, quando removidas as neblinas, e dentre em pouco estávamos em frente de Tânger. Um barco espanhol veio a bordo vender-nos charutos, papel de cigarros, figos, laranjas, batatas etc., um pouco caro; [...]

Comprei 24 ovos e 18 laranjas por um peso.

“Dia 7. [...] Estamos em frente das montanhas de Granada (perto do porto de Málaga). – É belo ver aqueles cimos branqueados de neve. Chegamos afinal a Marselha; mas estamos sem tirte nem quarte, condenados a quarentena por causa do marujo que morreu há quase dois meses! ... O capitão, o piloto, a tripulação dão-se a perros, e já trabalhou o telégrafo para Paris, participando ao consignatário que ficava o Grand Condé impedido por ter sucedido um falecimento a bordo. Estou muito contrariado com semelhante contratempo que me vai

atrasar o tratamento. Escrevi, em consequência disto, a seguinte carta ao nosso ministro em Paris: “Cheguei a 14, e vejo-me desde já forçado a ir importunar V. Exa.

Sofrendo do fígado e do coração, embarque no Rio de Janeiro a 7 de abril, para vir ao Maranhão, tratar de minha saúde; porém no mar a minha moléstia se agravou por tal forma que, chegando a Pernambuco, tomei o primeiro navio que saía para a França. Passei pois de bordo do Apa pra o Grand Condé, no dia 20 de abril, e aqui chegamos com 55 dias de viagem.

Marcaram-nos a princípio 5 dias de quarentena, depois 7, que se findariam amanhã, [...]

Vou piorando dia a dia, e perdendo todo o benefício que me fez a viagem, porque não posso seguir meu tratamento, sem facultativo nem os medicamentos precisos, nem cômodo a bordo do nosso navio em descarga e cheio de desinfetantes!

Considerando que tenha quase dois meses de viagem – que a resposta de V. Exa., por breve que seja, não me poderá fazer sair com menos de 8 ou 10 dias de quarentena – que não há lazareto em Marselha, que o passageiro nada tem que ver com o porão do navio e, se acaso ali existe algum foco de infecção – que não parece humano deixarem-se sem recursos com a moléstia que sofro, eu rogaria a V. Exa. de ver se é possível, ou que se me dê desembarque, ou que se me permita sair de Marselha para ir tratar da saúde fora dela. – Sou de V. Exa. etc.

Consegui por fim safar-me desta prisão, e parto amanhã para Paris.

Aqui finaliza esta relação que, por minuciosa, não perde, visto como por ela fica-se inteirado e como deu-se o equívoco da sua supositícia morte.

Sabido em Paris que estava o Grand Condé em quarentena, por ter falecido a bordo um homem em os primeiros dias de viagem, assentou o consignatário que não poderia ser outro senão o passageiro que embarcara quase moribundo, e, sem mis averiguações, escreveu pelo paquete, que estava de partida para Pernambuco, a M. Teste, fazendo-o ciente do desagradável incidente que só acarretava despesas e embates, tudo por sua condescendência em conceder passagem a Gonçalves Dias!

Chegada tão fatal nova ao Recife, espalhou-se imediatamente e com incrível rapidez, e o redator do Jornal do Recife, amigo de mais a mais do poeta, transmitiu-a ao público por seu jornal, e daí propagou-se por todos os ângulos do Império, como sucede aos grandes acontecimentos da ordem deste.

Chegando à Corte tão infausta notícia a 24 de julho, quando estava o Instituto Histórico em sessão, foi o próprio Imperador o primeiro a propor o encerramento dos trabalhos como testemunho do muito dó que sentia essa associação pela perda de tão egrégio e útil membro.

Encarregou-se o próprio poeta de desmentir daí a dois meses esse falso boato em uma carta que dirigiu-me a 23 de agosto. [...] Metendo a riso o caso, diz nela: "É mentira! Não morri! Nem morro, nem hei de morrer nunca mais – [...]"

Tenho jornais do Rio, Bahia e Pernambuco, que me emprestaram, e segundo todos eles –
Mortus est pintus in casca!

167 | E necrológio então?!... Um colega escreveu:

Deu num acesso d'amor
Ao poeta soberano
Deu-lhe por berço o equador
E por túmulo o oceano!

Trata-se de minha defuntíssima pessoa! Passa fora!"

1863/1864

[...]

Emagrecia à vista d'olhos e com as forças minguadas, abatido e triste, denunciava tudo o seu próximo fim, e ninguém já se iludia sobre a gravidade de sua moléstia, senão ele, coitado! que não conhecia seu estado, formando projetos e procurando em toda a parte o restabelecimento da saúde, e para isso andava de léu em léu atrás de facultativos ou clima que lhe debelassem

o mal! De Paris passou-se para Lisboa, de Lisboa tornou-se a Paris, e daí para Bruxelas, para Dresden, para Munique e de novo para Paris, e não houve águas de França e da Alemanha, como já disse, preconizadas por suas virtudes terapêuticas, que não experimentasse, até que ao cabo de dois anos de desenganos resolveu afinal partir para o Maranhão, cedendo a reiterados convites meus; [...]

No dia 9 de setembro de 1864, já se achava Gonçalves Dias a bordo do Ville de Boulogne, que no dia seguinte deixava o porto do Havre e fazia-se de vela para o de São Luís do Maranhão. [...]

Das três para as quatro horas da madrugada já do dia 3 de novembro, bateu o brigue nos baixos chamados Croa dos Ovos, ou dos Atins, próximos à vila de Guimarães, [...]

Nem ao menos cuidou a tripulação em salvar seu cadáver que foi decerto devorado pelos tubarões que abundam nas costas e baías do Maranhão.

Que angustiada morte e que túmulo! [...]

Resta agora averiguar outra questão também de si bastante grave: seria o naufrágio casual ou intencional?

(LEAL, Antônio Henriques. Panteon Maranhense, II. Rio de Janeiro: Editora Alhambra, 1987, p. 58-84).

posfácio

Nada fácil é fácil
o fácil é só
um cadafalso

Eu quis escrever um texto sobre aquilo que, não se sabendo ou não querendo nominar ou nomear, se chama coisa. Quis, de propósito escrever sobre a coisa ou sobre as coisas ou ainda sobre coisa alguma. Um poema ou um não poema sobre nada e o que sobrenada em mim é a coisa. Queria mais, uma explicação, um valor para tudo quanto se convencionou e rotula de banal, quando, as mais das vezes, acaba passando à categoria de essencial. Assim, não queria escrever sobre o que para os conceitos da temporalidade estivessem catalogados, como, por exemplo, num cardápio, como o melhor da alimentação, tendo em vista os preços.

169 |

Assim, quis mesmo algo que fizesse parte da banalidade ou da banalização, como, por exemplo, algo sobre a vida dos seres humanos não ser mais importante que a de insetos, répteis, aves, animais. Porque ao fim e ao cabo somos todos simples cachorros vira-latas com fantasias ou psicoses de sermos outras coisas ou seres superiores na tribo. Mas eu quis também procurar e encontrar algum sentido para minha própria vida, já de há muito precária e provisória. Algo que, por exemplo, dê algum consolo ao pobre mortal ou ao morto e lhe revele que aqui esta vida pode ter algum sentido de eternidade e imortalidade. Não o paradoxo do renascimento, mas a certeza de um momento de transcendência. Procurei, então, uma coisa banal, não que passa a ser, mas que é especial. Para tanto, não busquei entendimento na filosofia, senão da própria vida simples e fora do pensamento e da razão. Algo que, não sendo pensado, nem entendido, fosse sentido, pura percepção. Algo sem nexos, desconexo, mas pleno e completo.

Logo de início, o texto me pregou uma peça. Pois, tão logo acessei o verso, veio a prosa; acessei a prosa, veio o verso. E li aquilo lá como quem vê no reverso da medalha o próprio verso e, no verso, a face. Então concluí que tudo estava vindo pelo avesso.

Fiquei confuso e passei, então, a considerar que se podia alcançar o céu pelo que as doutrinas religiosas chamam de inferno e este por aquele. Que o lado esquerdo, dependendo do ângulo

e não das circunstâncias, era o direito e este, aquele. E que por isso a exceção também passava a ser a regra. E que a regra não era senão simples convenção para tornar a vida uma coisa cômoda, quer dizer, sem nenhuma especulação. Em outras palavras, não tão absurda como é de fato. Assim, fora das injunções dos pontos cardeais e das calotas polares, o texto queria que eu violasse a tradição, tipo a sintaxe, a pontuação e ignorasse letras maiúsculas. Apesar de dado ao latim, apaguei a gramática.

Hoje, eu sei que aquela coisa que me fez pensar em fazer poesia sem palavras, sem notas musicais, usando apenas o sopro de vida e o silêncio, para poder ouvir o inaudível, decifrar o insondável e o de menos, está além de razão, além do que é além. E, embora tenha consciência plena de haver conseguido ressignificar a coisa que está em mim e em cada um de nós e nos vai conduzindo para um sentido da vida, não para a morte, dói-me não poder fazê-lo com palavras.

Falo do que moveu Gonçalves Dias para Ana Amélia. O que está em cada um de nós e nos amarra um ao outro em nós cegos. E que é, ao final, como no começo, o que nos move, emociona e comove e torna cúmplices do mesmo crime. E faz girar a roda do moinho dos sentimentos e a roda da fortuna que, como as fases da lua, é volúvel, mas no que é variável é que seduz, no que é mutável, fazendo inveja ao sol.

Falo da coisa que nos leva a ter amor e ódio. O que nos impõe viver e fazer viver e matar e morrer e suicidar e renascer. É a coisa ou são as duas coisas mais preciosas por que os seres humanos fazem pacto de paz ou de guerra entre si. São as próprias fontes de tudo na terra.

Sim, tentei cantar as coisas que talvez fizeram Gustavo Flaubert imaginar escrever um livro sobre nada.

Eu cá escrevo sobre aquelas coisas que moveram Gonçalves Dias e Ana Amélia, um no sentido do outro, um na direção do outro, um para o outro, um para dentro do outro, buscando o sentido da unidade perdida, atizados pelo fogo dos filtros do amor, que ninguém sabe explicar de onde é que vem e como se acende. As coisas que, às vezes, ao invés de unir, separam, dilaceram e matam. Isso, infelizmente, pelo insondável, apartou Gonçalves Dias de Ana Amélia e que, por isso, não se cumpriu neles o propósito de eternidade e imortalidade de um em relação ao outro, na terra. Não foram elos da corrente da perpetuação e preservação da espécie, embora tivessem o que em um atrai o outro como ímã.

Cada um ser humano tem em si a coisa, a chave do mistério e do milagre, que não é irreveado, quando as duas partes se consagram ao ato de amor ou de fazer amor. Lá naquele instante supremo do pertencimento e arrebatamento, de transporte e transcendência, que anula as unidades de tempo. Aí os seres, simples criaturas, descubrem que também são deuses, tornadas criadoras, depois que se emocionam e comovem.

E ali, naquele não momento, que não comporta duração. Que ali não há tempo, nem memória. As ampulhetas não vazam. Os relógios perdem os pêndulos. As bússolas perdem as rotas. Os calendários perdem as folhas. Cessam as rosas dos ventos. Não há um só pensamento. Os corações aceleram. O sangue circula a mil nas veias e vasos. Vai haver inundação. Os rios vão transbordar. Vai haver chuva de lágrimas de alegria e felicidade. Não acionem as linhas telefônicas. Não acessem a internet. Inútil, não há navegador de e-mail, twitter, facebook, blog que possa captar o não momento. O mundo, o universo se desconstruíram. As coisas finalmente se reacoplaram e o verme se fez verbo e eterno.

171 | Agora, parem tudo o que estiverem fazendo no limites de espaço e tempo. Silêncio, porque no mundo, neste momento, há seres humanos, fora de lugares e tempos, de cidades e ilhas, de países e continentes, fazendo amor. Não incomodem as libélulas que voam congeminaadas e congraçadas nas graças dos genes. Deus está renascendo naquelas pererecas que estão-cumprindo no lago. Esta é a vitória da vida contra a morte. Pelo menos da vida de cuja existência temos absoluta certeza até agora. Por enquanto, o planeta terra está salvo pelo milagre do orgasmo, porque as coisas, assim como o orbe continua em sua órbita, estão em seus devidos lugares e se movem nos conformes das percepções sensoriais, uma no sentido da outra, uma indo ao encontro da outra, uma complementando a outra, metade somada a outra, o duplo na unidade, no exato não momento de anulação de lugar e tempo, em que duas pessoas, como crianças, perdem a noção de risco e perigo, remorso e juízo. Brincam e dançam à beira de abismo e precipício, e pagam com prazer o prejuízo.

São Luís, 15 de julho de 2013.

Alberico Carneiro

Grafia de acordo com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil a partir de janeiro de 2009

Realizado o Depósito Legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei n. 10.994, de 14 de dezembro de 2004

Formato: 21 x 21 cm

Tipologias:

Sabon LT Pro (11/14/18/24),

Century Gothic (10/12/13/22)

“ O culto a um poeta implica numa atitude mais complexa do que um simples ato de fé; exige o nosso exame, o estudo atento da mensagem que nos deixou. ”

Quarenta e oito anos depois (1965-2013), pedimos emprestadas essas palavras para Josué Montello, objetivando continuar o culto necessário ao nosso grande poeta Antônio Gonçalves Dias, que, neste momento, é traduzido através desta grande homenagem configurada em 1000 poesias de poetas renomados imortais, poetas renomados contemporâneos, poetas neófitos, poetas e pessoas de várias pátrias, de várias idades e diferentes escolaridades, para reavivarmos a memória, reacendermos a chama e ratificarmos a importância de empreitadas desse gênero.

Desse modo, é isto que se pretende seja feito com esta nova publicação de poesias em homenagem a Antônio Gonçalves Dias: vivificar a Fé, a memória e novos estudos das mensagens deixadas por esse grande nome das letras brasileiras, Antônio Gonçalves Dias.

Dilercy Aragão Adler

ISBN 978-65-5363-577-7



9 786553 635777